

**Organizador**

Eduardo Tadeu Roque Amaral

# **O português falado em Minas Gerais**



Belo Horizonte

FALE/UFMG

2013

**Diretor da Faculdade de Letras**

Luiz Francisco Dias

**Vice-Diretora**

Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

**Comissão editorial**

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Sônia Queiroz

**Preparação de originais**

Paulo Natale Belato

**Diagramação**

Cíntia Almeida

Paulo Natale Belato

**Revisão de provas**

Carla Castagnet Vial

Davidson Maurity

**ISBN**

978-85-7758-171-9 (digital)

978-85-7758-172-6 (impresso)

**Capa e projeto gráfico**

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

**Endereço para correspondência**

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 4081

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

*e-mail*: revisores.fale@gmail.com

*website*: www.letras.ufmg.br/labeled

**Sumário****Apresentação . 5**

Eduardo Tadeu Roque Amaral

**Sobre a descrição do português falado em Minas Gerais: passado e presente . 9**

Eduardo Tadeu Roque Amaral

**As formas de negação com o item *não* no português falado em Santa Luzia: um estudo preliminar . 27**

Laura Luiza Morais Reis Nunes de Avelar

Mariana Regina da Silva

Thássia Poliana de Almeida

**Apagamento dos clíticos pronominais: uma análise sociolinguística na cidade de Sete Lagoas . 37**

Letícia Pena Silveira

Naísa Gécida Alves Santos

**Ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na cidade de Ouro Preto . 53**

Joela Co

Mariana Mendes da Silva

Nathalia Carolina Terayama

**A redução do gerúndio em três cidades mineiras: Belo Horizonte, Nova Lima e Santa Luzia . 63**

Cristiane Silva Freitas

Isabela Gomes Figueiredo

Julianna Carvalho Bechir

**Apócope na forma diminutiva: ocorrência desse fenômeno no português belo-horizontino . 75**

Camila Constanza Alarcon Quiroga

Nilce Danielle Camarinho

Noara Cardoso Lacerda

## Apresentação

Este volume dos cadernos Viva Voz apresenta artigos escritos durante o primeiro semestre de 2012, período em que foi ministrada, na Faculdade de Letras da UFMG, a disciplina Estudos temáticos de linguística teórica e descritiva: o português falado em Minas Gerais. Durante a disciplina, foram lidas e discutidas várias obras teóricas de Dialetologia e Sociolinguística, além de diferentes trabalhos que descrevem a língua portuguesa falada no estado.

Ao longo do semestre, os alunos, reunidos em grupos, foram orientados no desenvolvimento de uma pesquisa. Cada grupo executou uma investigação que incluía todas as etapas comuns ao trabalho científico de análise dialetal: todos os estudantes realizaram gravações de língua oral, transcrição dos áudios e análise dos dados. Cada grupo teve liberdade na escolha tanto da localidade de gravação da língua oral quanto na seleção do fenômeno a ser investigado, o que se reflete na diversidade da origem dos dados e dos temas desta publicação.

A respeito da diversidade das localidades de coleta de dados, o leitor verificará que os artigos reunidos aqui possuem como *corpus* transcrições de distintas cidades: Belo Horizonte, Nova Lima, Ouro Preto, Santa Luzia e Sete Lagoas. Além disso, são analisados fenômenos de caráter fonético-fonológico, morfológico, sintático ou semântico. Embora o *corpus* de cada trabalho não seja muito extenso, espera-se que apontem pistas para futuras coletas de dados e posteriores análises.

Inicialmente, um texto de nossa autoria revela a diversidade dos trabalhos que têm sido publicados recentemente sobre o português falado em Minas Gerais. Voltando ao passado, verificamos que vários fenômenos atualmente estudados não constituem um interesse recente entre os pesquisadores, mas já estavam sendo observados desde a primeira metade do século XX. No trabalho de Laura de Avelar, Mariana Regina da Silva e Thássia de Almeida, as autoras analisam as ocorrências das estruturas de negação com o item *não* em dados da cidade de Santa Luzia/MG. Entre os resultados, constatam a preferência pela estrutura [*Não V*] e uma maior ocorrência do item *não* reduzido (*num*) nas negativas duplas. Leticia Silveira e Naísa Santos, por sua vez, realizam uma análise do apagamento dos clíticos pronominais em dados de Sete Lagoas. Os dados das autoras possibilitam confirmar a hipótese do predomínio da ausência de clíticos em diferentes classes de verbos. Retomando um tema que tem sido bastante investigado nos últimos anos em Minas Gerais, Joela Co, Mariana Mendes da Silva e Nathalia Terayama analisam a variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na fala de informantes jovens de Ouro Preto. Os resultados gerais mostram certo equilíbrio entre as variantes, com uma leve preferência pela variante ausência de artigo. A redução do gerúndio é o tema do trabalho de Cristiane Freitas, Isabela Figueiredo e Julianna Bechir. Com dados de três cidades da região metropolitana – Belo Horizonte, Nova Lima e Santa Luzia –, as autoras encontram uma alta frequência da forma reduzida (*cantano*), além de constatar que um mesmo falante emprega ora a forma plena ora a forma reduzida do mesmo verbo. Por fim, Camila Quiroga, Nilce Camarinho e Noara Lacerda investigam a apócope em formas de diminutivo. Nos dados das autoras, coletados com informantes de Belo Horizonte, verifica-se a presença do diminutivo apocopado em diferentes classes de palavras e uma preferência dessa redução para expressar dimensão.

O público alvo deste volume são alunos e professores de Letras que se interessam pela descrição dialetal ou sociolinguística, bem como aqueles interessados na caracterização do português falado em Minas Gerais. Espera-se que a diversidade dos temas abordados

nos artigos possa servir como uma pequena amostra do português oral e instigar futuras pesquisas sobre a língua que falamos.

Para finalizar, agradeço aos autores, que, com disposição e rigor, realizaram a pesquisa proposta durante o semestre letivo e redigiram os textos aqui publicados. Também gostaria de agradecer às seguintes professoras, que gentilmente aceitaram o convite para exporem aos alunos matriculados na disciplina os resultados de suas pesquisas: Ana Paula Mendes, Evelyne Dogliani, Carolina Cunha, Maria Antonieta Cohen e Sueli Coelho. Quero agradecer ainda às professoras Sônia Queiroz e Cândida Seabra pelas contribuições a respeito da discussão sobre o léxico de Minas Gerais e à professora Maria do Carmo Viegas, pelos comentários e sugestões. Por fim, agradeço à equipe dos *Cadernos Viva Voz* pelo atendimento sempre cordial e pela possibilidade de divulgação das pesquisas desenvolvidas no curso de Letras da FALE/UFMG.

Eduardo Tadeu Roque Amaral

## **Sobre a descrição do português falado em Minas Gerais: passado e presente**

Eduardo Tadeu Roque Amaral

### **Resumo**

Neste trabalho, temos o objetivo de voltar a algumas obras das primeiras décadas do século XX para observar os aspectos do português falado em Minas Gerais, sejam eles lexicais, fonético-fonológicos ou morfossintáticos, que ganharam algum destaque naquelas publicações. Depois de apresentar um panorama dos estudos da época, com base em uma perspectiva teórica da historiografia da linguística, registramos vários traços do português oral de Minas citados pelos autores, com atenção especial na obra de Teixeira. Este retorno ao passado possibilita uma descrição e uma reflexão sobre a história dos estudos da língua falada no estado durante as primeiras décadas do Brasil República, além de um cotejamento com os resultados de trabalhos recentes (COHEN et al.; DOGLIANI e COHEN; VIEGAS).

### **Palavras-chave**

Português oral; historiografia da linguística; sociolinguística.

## Introdução

Em 2011, são publicadas três importantes obras para a descrição da língua portuguesa falada em Minas Gerais: Cohen et al.; Dogliani e Cohen; e Viegas. A primeira delas constitui os anais de um evento científico interinstitucional realizado em 2010 na cidade de Ouro Preto, que tinha como objetivo reunir pesquisadores que têm se dedicado ao estudo da diversidade linguística em Minas. As outras duas obras reúnem trabalhos que se originaram de diferentes projetos de pesquisa e analisam distintos fenômenos de várias localidades do estado. O quadro a seguir, cujos dados foram ordenados por município, mostra a diversidade dos estudos que tais obras abrangem – foram considerados apenas os trabalhos que abordam o português oral.

**Quadro 1**  
**Relação dos municípios cujos dados são analisados nas obras de 2011 e respectivos fenômenos pesquisados**

Município	Fenômeno	Referência
Abre Campo	Ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos	Mendes (2011)
Arcos	Variação você ~ ocê ~ cê	Gonçalves (2011)
Barra Longa	Ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos	Alves de Carvalho (2011)
Belo Horizonte	Apagamento do clítico "se"	Cunha (2011)
Belo Horizonte	Sintaxe e semântica do pronome "eles"	Souza (2011)
Belo Horizonte	Variação da lateral palatal	Pinheiro (2011)
Belo Horizonte	Variação prosódica de sentenças afirmativas e interrogativas	Antunes (2011)
Belo Vale	Léxico	Nicolau (2011)
Belo Vale	Variação você ~ ocê ~ cê	Nicolau (2011)
Carmo da Cachoeira	Retroflexão do "r" e do "l"	Cohen e Mendes (2011)
Corinto	Topônimos	Oliveira e Santos (2011)
Curvelo	Topônimos	Oliveira e Santos (2011)
Ijaci	Retroflexão do "r" e do "l"	Cohen e Mendes (2011)

Município	Fenômeno	Referência
Itaúna	Velarização da lateral alveolar	Oliveira (2011)
Lavras	Retroflexão do "r" e do "l"	Cohen e Mendes (2011)
Machacalis	Abertura das vogais pretônicas	Dias (2011b)
Machacalis	Alçamento das vogais pretônicas	Dias (2011a)
Mariana	Linguagem especial dos mineradores	Lima e Alkmim (2011)
Matipó	Ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos	Mendes (2011)
Morro da Garça	Topônimos	Oliveira e Santos (2011)
Ouro Branco	Abertura das vogais pretônicas	Dias (2011b)
Ouro Branco	Alçamento das vogais pretônicas	Dias (2011a)
Ouro Preto	Linguagem especial dos mineradores	Lima e Alkmim (2011)
Papagaios	Variação da lateral palatal	Biscardi e Dogliani (2011)
Paracatu	Ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos	Amaral (2011)
Passos	Léxico rural	Ribeiro (2011)
Pedro Leopoldo	Concordância nominal	Santos (2011)
Pedro Leopoldo	Preposições	Leal e Mendes (2011)
Piranga	Abertura das vogais pretônicas	Dias (2011b)
Piranga	Alçamento das vogais pretônicas	Dias (2011a)
Santa Luzia	Apagamento do clítico "se"	Carvalho (2011)
Santana do Riacho (Serra do Cipó)	Léxico	Freitas (2011)
São João da Ponte	Indeterminação do sujeito	Coelho (2011)
Serro	Variação da lateral palatal	Dogliani (2011)

Embora a profundidade com que se aborda cada um desses temas, bem como a representatividade das amostras de dados sejam bem variáveis ao se considerar o conjunto, chama a atenção a diversidade de localidades que têm servido de pontos de pesquisa para a descrição do português oral de Minas. Os trabalhos abarcam várias regiões do estado, com certo predomínio entre as localidades

mais próximas à capital, como Santa Luzia, Pedro Leopoldo, Belo Vale e Curvelo. Mas, apesar disso, é significativa a abrangência de que se encontra, principalmente se considerarmos que são trabalhos presentes em apenas três publicações.

Tais obras reúnem resultados de pesquisas que foram realizadas nos anos anteriores à sua publicação. De modo geral, são investigações que se concentram principalmente na primeira década do século XXI.<sup>1</sup> Esse fato nos leva a voltar ao passado e perguntar: os fenômenos atualmente estudados constituem um interesse recente para os estudos sobre o português falado em Minas? De outra forma, os traços linguísticos que são encontrados nos falares mineiros atualmente também despertavam o interesse de pesquisadores de épocas passadas? Para responder a essas questões, neste trabalho, voltaremos à primeira metade do século XX para observar em que medida os fenômenos registrados pelos autores daquele período se identificam com os que são objeto de estudo hoje em dia.

### **O panorama dos estudos linguísticos nas primeiras décadas do Brasil República**

Ao comentar o pensamento brasileiro sobre a língua portuguesa durante o período de 1820 a 1920, Pinto discute a falta de formação e de informação linguística dos autores. Segundo a autora, os trabalhos eram influenciados pelas polêmicas e geralmente continham argumentos de ordem subjetiva “postos a serviço das conveniências pessoais do interessado, ou de seus ideais nacionalistas”.<sup>2</sup> Mas essa experiência levou ao início do pressuposto da existência de uma realidade linguística brasileira em oposição à portuguesa, cujo incentivo teria vindo de Leite de Vasconcelos. De acordo com Pinto, foi “sob a égide de um português que se abriu, a partir dos anos [1920], novo ciclo de pesquisas da fala regional e, conseqüentemente, novos debates sobre a natureza da

língua no Brasil”.<sup>3</sup> Como se vê, nesses debates do final do século XIX e início do XX, muito mais interessadas na identificação de diferenças entre a língua portuguesa do Brasil e a de Portugal, as manifestações teóricas ainda não se centravam em diferenciar os diferentes falares do país.

A partir dos anos 1920, começam a ganhar força os estudos dialetais da língua portuguesa do Brasil. Pinto destaca: “No plano mais geral de abordagem da língua, assiste-se, no período 1920-1945, a uma discreta, porém paulatinamente sempre mais decisiva opção pelo enfoque dialetológico, em detrimento do filológico”.<sup>4</sup> Lembre-se de que Amadeu Amaral publica, em 1920, sua obra *O dialeto caipira*, e dois anos depois é publicada a primeira edição de *O linguajar carioca em 1922*, de Antenor Nascentes, aos quais seguem outros trabalhos que viriam a tentar registrar traços linguísticos do então frequentemente denominado *dialeto* brasileiro. Muitos desses trabalhos ainda tinham caráter impressionista. Faltava rigor metodológico na coleta e análise dos dados. Como destaca Pinto: “A mesma atitude impressionista, característica dos trabalhos sobre a língua do Brasil no século passado, ainda está presente na maioria das obras do período 1920-45”.<sup>5</sup> Tenha-se em conta que, em muitos casos, as obras literárias eram consideradas representativas da fala local. Além disso, o estudo do folclore era visto como base para o registro dialetal. Veja-se a apreciação feita por Castilho, vários anos mais tarde:

*Amadeu Amaral foi quem lançou as bases da dialetologia brasileira, com seu O Dialeto Caipira. Seguiram-se Antenor Nascentes, que dividiu o falar brasileiro em seis subfalares, reunidos em dois grandes grupos, o do Norte e o do Sul, Mário Marroquim e outros.*

*De um modo geral, pode-se dizer que faltaram (sic) a esses trabalhos a documentação rigorosa que apenas o inquérito linguístico pode propiciar.*<sup>6</sup>

A partir dos anos 1930, com a criação das primeiras faculdades de filosofia no Rio de Janeiro e em São Paulo, inicia-se um processo

<sup>1</sup> Tenha-se em conta ainda que análises correlacionadas não estão incluídas, uma vez que não fazem parte, diretamente, dos artigos e capítulos das três obras. Esse é o caso da análise da ausência/presença de artigo diante de antropônimos nas localidades de Campanha (sul do Estado) e Minas Novas (Vale do Jequitinhonha), tema de dissertação de Amaral.

<sup>2</sup> PINTO. *O português do Brasil: textos críticos e teóricos*, v. 1, p. XLV.

<sup>3</sup> PINTO. *O português do Brasil: textos críticos e teóricos*, v. 1, p. LVIII.

<sup>4</sup> PINTO. *O português do Brasil: textos críticos e teóricos*, v. 2, p. XVIII.

<sup>5</sup> PINTO. *O português do Brasil: textos críticos e teóricos*, v. 2, p. XX.

<sup>6</sup> CASTILHO. *A língua portuguesa no Brasil*, p. 21-22.

de “cientificação” dos estudos linguísticos no Brasil.<sup>7</sup> Considere-se também que grande parte dos trabalhos era produzida a partir da visão de estudiosos que se encontravam nas cidades citadas, especialmente no Rio de Janeiro, então capital do país. Com efeito, a fala do Rio de Janeiro era considerada o modelo para outras partes do país, como vemos nas atas do *Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada*, realizado em 1937. Veja-se a parte em que se apresenta a decisão do evento:

a) considerando que a irregularidade de pronúncia dum a língua afeta perigosamente as artes do dizer e do canto; [...]

c) considerando que a fixação dessa língua-padrão é um elemento civilizador e um processo de cultura; [...]

d) considerando que a pronúncia “carioca” do Distrito Federal apresenta-se como a mais evolucionada dentre as pronúncias regionais do Brasil; [...]

j) considerando ser a pronúncia carioca a mais elegante, a mais essencialmente urbana dentre as nossas pronúncias regionais; [...]

O Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada resolve considerar a pronúncia carioca a mais perfeita do país e propô-la como língua-padrão a ser usada no teatro, na declamação e no canto eruditos do Brasil. O Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada obtempera porém que as pronúncias regionais quando sirvam para efeitos de caracterização, podem e mesmo devem ser usadas no teatro, na declamação e no canto regionais, e mesmo, no caso de aparecerem personagens regionais no teatro erudito.<sup>8</sup>

Ainda sobre a importância do Rio de Janeiro, Altman afirma:

Com exceção de Maurer Jr., Salum e Silveira Bueno, catedráticos de *Filologia Românica e Filologia Portuguesa*, respectivamente, da Universidade de São Paulo, todos os outros [filólogos] trabalharam no Rio de Janeiro, ou em *Filologia Românica* ou em *Filologia Portuguesa*. O centro principal de irradiação das ideias linguísticas era, sem dúvida, o Rio de Janeiro.<sup>9</sup>

Pelo exposto, observa-se um cenário pouco propício para a descrição da língua falada ao longo do território nacional, incluindo, obviamente, Minas Gerais. Além disso, certos comentários ainda desmereciam o trabalho de coleta e análise de dados no estado. Para Castro, a pronúncia carioca poderia servir à língua nacional falada no teatro, desde que fosse aplicada a pronúncia sibilante do

<sup>7</sup> ALTMAN. *A pesquisa linguística no Brasil*: (1968-1988).

<sup>8</sup> CONGRESSO. *Anais do primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada*, p. 59-60.

<sup>9</sup> ALTMAN. *A pesquisa linguística no Brasil*: (1968-1988), p. 71.

“s” pos-vocálico nacional e se retirassem os vários modismos. A respeito da sua proposta, ele afirma: “Esta nova pronúncia aproxima-se muito da belo-horizontina (dos natos), apesar de ser o **s** sibilante posvocálico dito na capital montanhosa, infelizmente, *com certo pedantismo*”.<sup>10</sup> A propósito da coleta de dados, veja-se o que Chediak afirma:

*Os mineiros são desconfiados. E isso é velho como as Minas Gerais. Torna-se necessário ajeitá-los, abrandá-los, amansá-los por assim dizer, mesmo a quem entre eles foi gerado, criado e crescido, para que não se neguem a cantar ou a falar e explicar.*<sup>11</sup>

Será necessário chegar os anos 1960 para que a língua falada em Minas comece a estar presente em trabalhos linguísticos com certo rigor metodológico. No entanto, as “impressões” que os autores da primeira metade do século XX vão registrando em suas obras já sinalizam traços que, mais tarde, viriam a ocupar os trabalhos que descrevem o português falado em Minas.

Nas seções seguintes, observaremos os aspectos linguísticos do português falado em Minas – sejam eles lexicais, fonético-fonológicos ou morfossintáticos – que ganharam algum destaque nas publicações especialmente da primeira metade do século. Mesmo não havendo certo rigor dialetológico ou sociolinguístico, os fenômenos que são citados em obras de diferentes perfis teóricos ajudam-nos a aproximar de certos traços linguísticos da época, uma vez que sua menção é fruto de uma “estranheza” à língua do outro. Além do mais, esse retorno ao passado possibilita-nos uma descrição e uma reflexão sobre a história dos estudos da língua falada em Minas Gerais, bem como um paralelo com os trabalhos recentes, citados na introdução deste texto.

### **Traços linguísticos de Minas registrados (de 1907 a 1977)**

Considerando as gramáticas da língua portuguesa publicadas nas primeiras décadas do século XX, o que se observa é que as

<sup>10</sup> CASTRO. Extração da média aritmética da pronúncia nacional. Caracterização da base carioca, como resultado da média. Notas subsidiárias a respeito do linguajar cearense, p. 109. Grifos nosso.

<sup>11</sup> CHEDIK. *Aspecto da linguagem Espraiado*, p. 321.



informações dialetais são mínimas e esparsas nas obras. Vejamos alguns exemplos.

Na *Grammatica da Lingua Portuguesa*, publicada em 1907, Pacheco da Silva Júnior e Lameira de Andrade fazem afirmações esparsas sobre traços linguísticos de Minas. Ao elencar o que chamam de *brasileirismos*, tecem alguns poucos comentários sobre formas que seriam encontradas no estado. Como exemplo, informam que *chiquerador* significa 'tira de couro torcida presa à extremidade de um pau. Instrumento de castigo', mas que no Rio e em Minas, chama-se *relho*. Em outro exemplo, citam *caco*, com o significado de 'tabaco em pó', chamado em Minas de simplesmente *pó*. A respeito de formas de tratamento, afirmam: "Em São Paulo e em alguns lugares de Minas abreviam-se em *nhô*, *nhá*, e dizem *Nhô Quim* (Sr. Joaquim), *nhô sim*, *nhô não*."<sup>12</sup> Os estudos citados no Quadro 1 não registram formas como essas na fala do estado, embora seja plausível que possam ser encontradas.

Também do início do século, na *Gramática Expositiva* de Carlos Eduardo Pereira, vemos indicações esparsas sobre a língua falada em Minas. Em sua obra, lê-se:

*No Brasil é perceptível a diferença fonética entre os nortistas e sulistas. Esta mesma diferença nota-se entre os Estados do Sul. Em São Paulo pronuncia-se geralmente - menino, tiu, cômes, Antóninha; em Minas - mininu, tiio, navio, cômes, Antuninha. Há vocábulos e expressões peculiares a certos Estados: em São Paulo - mecê, nhô; em Minas - vacê, seo (seo José), sia (sia Maria).*<sup>13</sup>

Como se vê, o autor não aprofunda nas explicações dialetais, mas é relevante que já perceba uma distinção entre São Paulo e Minas – muito embora um fenômeno como a retroflexão do /r/ nem seja citado.

De grande relevância para o conhecimento do português falado em Minas na primeira metade do século XX é o texto de Teixeira. O autor relaciona diversos fenômenos que caracterizam a língua portuguesa presente no estado naquela época. Para

Teixeira, são "mais notas sobre o falar mineiro, que uma exposição completa do mesmo. Notas recolhidas pacientemente em várias regiões do estado. Factos observados diretamente".<sup>14</sup> No entanto, apesar de o próprio autor atribuir o caráter de "notas" a seu trabalho, pela representatividade dos fatos linguísticos nele citados, retomaremos seu texto na seção seguinte e veremos que o estudo que apresenta é bastante representativo entre os trabalhos da época.

Algumas obras de caráter não gramatical apresentam também informações sobre o português falado em Minas. Soares, em seu *Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro*, publicado nos anos 1940, apresenta um estudo sobre topônimos de origem indígena de Minas, o qual foi redigido no ano de 1880 em Campanha da Princesa (atual Campanha). O autor discute a etimologia de localidades mineiras como Arassuahy, Abaeté, Baependy, Bambuhy etc. Nos anos 1960, Machado Filho descreve características da presença negra em São João da Chapada, a partir de pesquisa feita no local. Embora o foco tenha sido a origem negra no que o autor chama de "linguajar" local, há na obra indicações principalmente sobre o léxico de Minas e comentários como:

*Vale pôr em ressaltado a despatalização do "l" molhado, frequentíssima mesmo entre pessoas da melhor sociedade local. [...] Não é, certamente, uma peculiaridade sanjoanense. Mas, considerados os antecedentes, impressiona seu caráter quase geral.*<sup>15</sup>

Na década seguinte, publica-se a obra que se tornou inspiração para vários trabalhos posteriores que viriam a descrever o português falado em Minas, o *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. O *Esboço*, ou ALEMGO, surge da frustração de ser inviável a realização do "Atlas Linguístico do Brasil", previsto pelo Decreto 30643/52, art. 3º, § 3º,<sup>16</sup> e trilhando um caminho elaborado por Nelson Rossi, na Bahia. Na década de 1970, durante seis anos, pesquisadores da UFJF percorreram milhares

<sup>12</sup> SILVA JÚNIOR; ANDRADE citados por PINTO. *O português do Brasil: textos críticos e teóricos*, v. 1, p. 278. Cf. também ROCHA. *O pensamento gramatical de Manuel Pacheco da Silva Júnior*.

<sup>13</sup> PEREIRA citado por PINTO. *O português do Brasil: textos críticos e teóricos*, v. 1, p. 402.

<sup>14</sup> TEIXEIRA. *O falar mineiro*, p. 6.

<sup>15</sup> MACHADO FILHO. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*, p. 109.

<sup>16</sup> RIBEIRO et al. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*, p. 11.

de quilômetros (116 localidades) com o objetivo de “fotografar” a língua do estado, que resultou na publicação do *Esboço*. Tal obra serviu de base para a proposta de Zágari sobre os três falares do estado, a qual é hoje bem citada, inclusive em vários trabalhos das obras de 2011 citadas anteriormente.

### As “notas” de José Aparecida Teixeira

Antes de iniciar a apresentação de fenômenos comentados por Teixeira, vale a pena destacar que o autor afirma que “o falar mineiro é uma variedade do dialeto brasileiro”.<sup>17</sup> O português do Brasil era visto como um dialeto e a língua de Minas um subdialeto. Teixeira também já apontava diferenças que, posteriormente, passariam a ser cruciais para a sociolinguística. O autor escreve: “Existe um falar próprio das altas classes e médias superiores, como existe um falar das classes médias inferiores e das classes ínfimas, que principalmente constituem o povo”.<sup>18</sup> Considerando que, ao longo da obra, Teixeira procurou, na medida do possível, distinguir os fenômenos de acordo com as classes, ele afirma que o falar mineiro teria “três tipos de linguagem”:

a) a linguagem popular, das grandes massas analfabetas e semianalfabetas [...]

b) a linguagem das classes médias [...]

c) a linguagem oficial, que é a portuguesa, a língua das escolas, dos atos públicos, e de reduzidíssimo número de indivíduos da pequena aristocracia social e cultural.<sup>19</sup>

Teixeira comenta a divisão proposta por Antenor Nascentes e reconhece a falta de estudos das diferentes regiões de Minas. Em sua obra, afirma que apresenta características linguísticas constatadas em diferentes áreas do estado, “representadas no Triângulo, e zonas centralizadas pelos municípios da capital, de Alfenas, São João del Rey, Pouso Alegre, Teófilo Otoni, Manhuaçu”.<sup>20</sup> Entretanto, como era de se esperar, não apresenta como teriam ocorrido essas “constatações”.

À parte do capítulo primeiro, os seguintes são divididos em:

<sup>17</sup> TEIXEIRA. O falar mineiro, p. 11.

<sup>18</sup> TEIXEIRA. O falar mineiro, p. 9.

<sup>19</sup> TEIXEIRA. O falar mineiro, p. 10.

<sup>20</sup> TEIXEIRA. O falar mineiro, p. 11.

Fonologia, Morfologia, Lexicologia e Sintaxe. Já no início do segundo capítulo, encontramos observações impressionistas, como a que se lê abaixo, o que confirma o comentado anteriormente a respeito das obras do período:

*a fala do mineiro é calma e sossegada [...] nela impera, mais do que em qualquer outra, a lei do menor esforço, criando, através as (sic) alterações fonéticas, um timbre de notas aveludadas, que traduz o temperamento brando e suave, gerado nos longos anos de pacíficas atividades agrícolas e pastoris.*<sup>21</sup>

No entanto, apesar de comentários como esse, a relação dos fenômenos descritos pelo autor é exaustiva. É de se estranhar que muitos estudos atuais negligenciem a análise ou mesmo as intuições do autor. O que interessa aqui então é observar a relação entre os fenômenos já apontados por Teixeira e os resultados das recentes pesquisas sobre o português falado em Minas. Para isso, por questões de espaço, desconsideramos, neste trabalho, as questões do capítulo de léxico, bem como grande parte dos fenômenos dos demais capítulos.

Considerando os fenômenos de caráter fônico, o autor registra o alçamento das vogais pretônicas /e/ e /o/, bem como a variação na abertura, embora não se ocupe deste último tópico, nem faça menção a uma possível variação regional. A respeito da variação da lateral palatal, Teixeira indica que a pronúncia da lateral como semivogal (“foya”, “muyé”, “trabayá”) trata-se de pronúncia inculta e chama a atenção para a realização do fenômeno em outras áreas de língua portuguesa fora do Brasil e também em outros países de línguas românicas. Observamos que esses mesmos fenômenos estão bem presentes nos estudos recentes citados anteriormente. Dogliani, por exemplo, analisando dados do Serro, observa a influência do fator escolaridade na variação da lateral palatal e afirma: “o fator escolaridade interfere nas variantes usadas: quanto menor a escolaridade, maior o uso da variante vocalizada”.<sup>22</sup>

Ainda com relação às questões fônicas, Teixeira afirma que, em grupos consonantais com “l”, muda o “l” em “r” na fala popular como

<sup>21</sup> TEIXEIRA. O falar mineiro, p. 12.

<sup>22</sup> DOGLIANI. A consoante lateral palatal na região do Serro, p. 203.

no Rio e São Paulo: *argum, farta* (falta), *prantar, arto* etc.<sup>23</sup> Casos como esses são incluídos no conjunto das ocorrências de retroflexão do “r” e do “l” estudadas por Cohen e Mendes. As autoras citam resultados de análise com dados da região do Carmo, os quais mostram que: “o grau de escolarização parece não influir na chamada fala rural e informantes com maior ou menor escolaridade parecem se valer de um mesmo sistema linguístico que no todo pode ser chamado rural”.<sup>24</sup> Comparando esta última análise com a de Dogliani, citada no parágrafo anterior, observa-se uma diferença com relação à atuação da variável escolaridade. Essa diferença talvez se explique pelo nível de estigmatização dos fenômenos, sendo a vocalização da lateral palatal mais estigmatizada em relação à retroflexão do “r” e “l”. Essa hipótese vai ao encontro da proposta de Cohen e Mendes de se avaliar a atitude da forma estigmatizada junto aos falantes.

Com respeito à concordância nominal de número, ao tratar da queda de -s final, Teixeira aponta que ele cai na língua popular (*os mininu*), que é frequente nas classes médias e semicultas e nas classes cultas “escapa não poucas vezes”.<sup>25</sup> Essa variação é descrita por Santos, que utiliza dados de Pedro Leopoldo. A autora observa a influência do fator grupo social e verifica que a ausência de concordância é mais frequente entre os falantes do grupo social baixo, mas que, entre aqueles do grupo social alto, a ausência de concordância é maior do que se esperava. Consideradas as devidas diferenças, a análise de Santos mostra uma realidade linguística que já se esboçava nas observações de Teixeira.

Com relação às preposições, Teixeira comenta o baixo número de tipos de preposições correntes na língua oral. Sobre “a”, ele afirma: “Preposição *a* tão do sabor e da preferência da língua portuguesa, desaparece totalmente. Substituem-na as preposições *em, pra, com*”.<sup>26</sup> Esse baixo índice de ocorrência de “a” será também comprovado por Leal e Mendes, com dados coletados na região de Sumidouro, município de Pedro Leopoldo.

A variação dos pronomes de segunda pessoa também é objeto de estudo de Teixeira, que registra o que ele chama de “expressões de tratamento na língua do povo”: “vancê (você), micê (vossa mercê), ocê (você), seu siô (senhor), siá, sá, siora (senhora)”. E ainda acrescenta: “As classe cultas e semicultas também se servem ordinariamente de você-ocê no tratamento”.<sup>27</sup> O autor não comenta, porém, a variante “cê”, tal como se vê em trabalhos recentes sobre o português em Minas. Vale ressaltar que Teixeira também observa a variante de primeira pessoa “a gente”: “A *gente* é usado algumas vezes em substituição às formas pronominais da primeira pessoa: Ele vive mandando *a gente* (*me*)”.<sup>28</sup>

Com respeito ao apagamento do clítico “se”, o autor registra: “A voz reflexa desaparece em grande número de verbos, que se despronominalizam na boca de todas as classes: casar, arrepende, queixar, ferir, indignar, etc. – Casei no sábado; queixei ao pai dele, etc”.<sup>29</sup> Esse fenômeno, conforme pode ser observado pelo Quadro 1, foi revisitado por Carvalho e Cunha. Embora esta última autora tenha observado influência de fatores sociais na variação do clítico “se”, a primeira chega a afirmar: “o volume de apagamento do clítico é tão alto que praticamente inviabiliza a análise dos fatores sociais”,<sup>30</sup> o que vai ao encontro da observação de Teixeira.

Como explicado, não há como comentar todos os fenômenos descritos por Teixeira, mas a amostra acima é suficiente para mostrar a importância que seu trabalho tem para a história dos estudos do português falado em Minas. Embora muitos fenômenos tratados pelo autor não sejam de exclusividade de Minas, suas observações pontuais para a fala regional do estado encontram eco em vários trabalhos recentes. Vê-se que fenômenos que tanto interesse têm despertado nos linguistas contemporâneos também chamavam a atenção para o estudioso da primeira metade do século XX, tais como: alçamento de vogais pretônicas; vocalização da lateral palatal; retroflexão do “r” e “l”; ausência de concordância nominal; variação das preposições;

<sup>23</sup> TEIXEIRA. O falar mineiro, p. 22.

<sup>24</sup> COHEN; MENDES. Variação e mudança dos róticos no português do Brasil: dados do sul de Minas Gerais, p. 241.

<sup>25</sup> TEIXEIRA. O falar mineiro, p. 21.

<sup>26</sup> TEIXEIRA. O falar mineiro, p. 48.

<sup>27</sup> TEIXEIRA. O falar mineiro, p. 35.

<sup>28</sup> TEIXEIRA. O falar mineiro, p. 36.

<sup>29</sup> TEIXEIRA. O falar mineiro, p. 84.

<sup>30</sup> CARVALHO. O apagamento do pronome se na cidade de Santa Luzia/MG, p. 80.

variação dos pronomes de segunda pessoa; apagamento do clítico “se”.<sup>31</sup>

### Considerações finais

Voltando às questões propostas no início deste trabalho, é possível afirmar que vários fenômenos atualmente estudados não constituem um interesse recente entre os pesquisadores. Pelo menos desde a primeira metade do século XX, já se apresentavam como traços linguísticos que possibilitaram aos estudiosos da época deixar notas e comentários sobre a língua falada no estado. No caso do texto de Teixeira, ainda é possível comprovar que muitas “notas” apresentadas pelo autor encontram eco nos resultados de estudos recentes. Curiosamente, seu trabalho tem sido ignorado pelos pesquisadores contemporâneos que se dedicam a descrever o português falado no estado.<sup>32</sup>

Para concluir, retomamos o texto citado anteriormente de Castilho. O autor afirma “longe estamos de poder admirar a brasilidade de nossa língua falada em todas as suas facetas”.<sup>33</sup> Se, por um lado, os trabalhos sobre a língua portuguesa falada de lá para cá avançaram substancialmente, conforme demonstram as recentes obras descritivas do português brasileiro, por outro, também é possível afirmar que o conhecimento sobre as especificidades do português falado em Minas Gerais também tem se ampliado substancialmente. Uma das tarefas que precisa ser executada é mapear os estudos desenvolvidos, para que se possa construir um perfil criterioso do português que se fala no estado, atribuindo o devido valor a nossos antecessores. Acreditamos que os trabalhos desta obra possam auxiliar a realização dessa tarefa, dando sua contribuição a tal fim.<sup>34</sup>

<sup>31</sup> Este último tema (apagamento do “se”) também é retomado por Silveira e Santos, nesta obra.

<sup>32</sup> A mesma observação serve para os trabalhos contidos em Cohen e Ramos, dedicados à descrição do “dialeto mineiro”.

<sup>33</sup> CASTILHO. A língua portuguesa no Brasil, p. 23.

<sup>34</sup> Agradeço à FAPEMIG (Processo APQ 00012-11) o apoio para a produção deste texto.

### Referências

ALTMAN, Cristina. *A pesquisa linguística no Brasil: (1968-1988)*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

ALVES DE CARVALHO, Ana Paula Mendes. A influência da variável redes sociais na variação sintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos. In: DOGLIANI, Evelyne; COHEN, Maria Antonieta A. M. (Org.). *Pelas trilhas de Minas: a língua nas Gerais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 83-102.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*. Orientadora: Maria Antonieta Amarante M. Cohen. 233 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. A variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na cidade de Paracatu. In: DOGLIANI, Evelyne; COHEN, Maria Antonieta A. M. (Org.). *Pelas trilhas de Minas: a língua nas Gerais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 127-143.

ANTUNES, Leandra Batista. A variação prosódica mineira: o projeto AMPER e as falas marianense e belorizontina. In: ENCONTRO SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DE MINAS GERAIS, 1., 2010. *Anais...cultura e memória*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 117-125. 1 CD-ROM.

BISCARDI, Karoline; DOGLIANI, Evelyne. Vocalização da lateral palatal em Papagaios-MG. In: DOGLIANI, Evelyne; COHEN, Maria Antonieta A. M. (Org.). *Pelas trilhas de Minas: a língua nas Gerais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 211-228.

CARVALHO, Gabriele Cristine. O apagamento do pronome se na cidade de Santa Luzia/MG. In: DOGLIANI, Evelyne; COHEN, Maria Antonieta A. M. (Org.). *Pelas trilhas de Minas: a língua nas Gerais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 71-82.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A língua portuguesa no Brasil. *Alfa*, v. 1, p. 9-24, 1962. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3129/2860>>. Acesso em: 19 dez. 2011.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTRO, José Liberal de. Extração da média aritmética da pronúncia nacional. Caracterização da base carioca, como resultado da média. Notas subsidiárias a respeito do linguajar cearense. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA FALADA NO TEATRO, 1., 1956, Salvador. *Anais...* Rio de Janeiro: MEC, 1958. p. 101-110.

CHEDIAK, Antônio José. Aspectos da linguagem do Espriado. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA FALADA NO TEATRO, 1., 1956, Salvador. *Anais...* Rio de Janeiro: MEC, 1958. p. 321-379.

COELHO, Sueli Maria; CAIXETA, Gisele Carvalho Araújo. A emergência de novas formas de indeterminação do sujeito no falar de Minas Gerais: uma mudança em curso? In: ENCONTRO SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DE MINAS GERAIS, 1., 2010, Ouro Preto.

*Anais...cultura e memória*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 98-102. 1 CD-ROM.

COHEN, Maria Antonieta A. M.; RAMOS, Jânia (Org.). *Dialeto mineiro: estudos de variação e mudança linguística*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002.

COHEN, Maria Antonieta A. M.; MENDES, Soélis Teixeira P. Variação e mudança dos róticos no português do Brasil: dados do sul de Minas Gerais. In: DOGLIANI, Evelyne; COHEN, Maria Antonieta A. M. (Org.). *Pelas trilhas de Minas: a língua nas Gerais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 229-243.

CONGRESSO da língua nacional cantada, 1., 1937, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Departamento de Cultura, 1938.

CUNHA, Carolina Dias. Um panorama do apagamento do clítico “se” no dialeto de Belo Horizonte. In: DOGLIANI, Evelyne; COHEN, Maria Antonieta A. M. (Org.). *Pelas trilhas de Minas: a língua nas Gerais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 49-70.

DIAS, Melina Rezende. Estudo comparativo do acento das vogais pretônicas em Ouro Branco, Piranga e Machacalis/MG. In: VIEGAS, Maria do Carmo (Org.). *Minas é plural*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 55-70.

DIAS, Melina Rezende. Estudo comparativo da abertura das vogais pretônicas em três falares mineiros. In: VIEGAS, Maria do Carmo (Org.). *Minas é plural*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 71-91.

DOGLIANI, Evelyne; COHEN, Maria Antonieta A. M. (Org.). *Pelas trilhas de Minas: a língua nas Gerais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.

DOGLIANI, Evelyne. A consoante lateral palatal na região do Serro. In: DOGLIANI, Evelyne; COHEN, Maria Antonieta A. M. (Org.). *Pelas trilhas de Minas: a língua nas Gerais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 199-209.

ENCONTRO sobre a diversidade linguística de Minas Gerais, 2010, Ouro Preto. *Anais... cultura e memória*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. 1 CD-ROM.

FREITAS, Cassiane Josefina de. O léxico da Serra do Cipó. In: ENCONTRO SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DE MINAS GERAIS, 2010, Ouro Preto. *Anais...cultura e memória*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 181-185. 1 CD-ROM.

GONÇALVES, Clézio Roberto. A forma pronominal “você” e suas variantes “ocê” e “cê” no português oral do centro-oeste mineiro. In: ENCONTRO SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DE MINAS GERAIS, 2010, Ouro Preto. *Anais...cultura e memória*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 76-82. CD-ROM.

ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: Classes de palavras e processos de formação*. v. 2. Campinas: Ed. Unicamp, 2008. (Coleção gramática do português culto falado no Brasil)

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Villaça (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. v. 1. Campinas: Ed. Unicamp, 2006. (Coleção gramática do português culto falado no Brasil)

KATO, Mary Aizawa (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção da sentença*. v. 3. Campinas: Ed. Unicamp, 2009.

LEAL, Maria Auxiliadora F.; MENDES, Soélis Teixeira P. Descrição e análise das preposições em dois recortes sincrônicos: dados orais da região de Sumidouro - MG e do Livro das Aves. In: DOGLIANI, Evelyne; COHEN, Maria Antonieta A. M. (Org.). *Pelas trilhas de Minas: a língua nas Gerais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 163-197.

LIMA, Vinícius Hilário de; ALKMIM, Mônica Guieiro R. Um estudo sociolinguístico da *linguagem especial* dos mineradores. In: ENCONTRO SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DE MINAS GERAIS, 1., 2010, Ouro Preto. *Anais...cultura e memória*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 216-222. 1 CD-ROM.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

MENDES, Andréia Almeida. A ausência/presença de artigo definido diante de nomes próprios na zona rural das cidades de Matipó e Abre Campo - MG. In: DOGLIANI, Evelyne; COHEN, Maria Antonieta A. M. (Org.). *Pelas trilhas de Minas: a língua nas Gerais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 103-125.

NICOLAU, Eunice. *Pelas trilhas de Minas até Belo Vale: garimpando em busca de traços conservadores do português do Brasil*. In: DOGLIANI, Evelyne; COHEN, Maria Antonieta A. M. (Org.). *Pelas trilhas de Minas: a língua nas Gerais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 145-162.

OLIVEIRA, Alan Jardel de. Velarização da lateral alveolar no falar de Itaúna/MG. In: VIEGAS, Maria do Carmo (Org.). *Minas é plural*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 113-142.

OLIVEIRA, Gracineia I.; SANTOS, Joviano Gonçalves dos. Substituição histórica de topônimos na mesorregião central de Minas. In: ENCONTRO SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DE MINAS GERAIS, 1., 2010, Ouro Preto. *Anais...cultura e memória*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 201-208. 1 CD-ROM.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

PINHEIRO, Neffer Luiza A. O comportamento da variável lateral palatal na comunidade de fala belorizontina. In: DOGLIANI, Evelyne; COHEN, Maria Antonieta A. M. (Org.). *Pelas trilhas de Minas: a língua nas Gerais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 245-270.

PINTO, Edith Pimentel. 1820/1920: fontes para a teoria e a história. In: \_\_\_\_\_. *O português do Brasil: textos críticos e teóricos*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978. v. 1.

PINTO, Edith Pimentel. 1920/1945: fontes para a teoria e a história. In: \_\_\_\_\_. *O português do Brasil: textos críticos e teóricos*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1981. v. 2.

RIBEIRO, Gisele Aparecida. O vocabulário rural de Passos/Minas Gerais: um estudo linguístico nos sertões do Jacuhy. In: ENCONTRO SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DE MINAS GERAIS, 1., 2010, Ouro Preto. *Anais...cultura e memória*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 194-201. 1 CD-ROM.

RIBEIRO, José *et al.* *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Juiz de Fora: Fundação Casa Rui Barbosa/UFJF, 1977. v. 1.

ROCHA, Maria Bernadete Carvalho da. *O pensamento gramatical de Manuel Pacheco da Silva Júnior*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, 2007.

SANTOS, Lília S. Miranda. Sobre a ausência de concordância nominal no português falado em Pedro Leopoldo/MG: uma abordagem variacionista. In: ENCONTRO SOBRE A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA DE MINAS GERAIS, 1., 2010, Ouro Preto. *Anais...cultura e memória*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 164-171. 1 CD-ROM.

SOARES, Antônio Joaquim de Macedo. *Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

SOUZA, Elizete Maria de. A realização do pronome “eles” no falar belo-horizontino e suas propriedades semânticas e morfossintáticas. In: ENCONTRO SOBRE A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA DE MINAS GERAIS, 1., 2010, Ouro Preto. *Anais...cultura e memória*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. p. 83-90. 1 CD-ROM.

TEIXEIRA, José Aparecida. O falar mineiro. *Revista do Arquivo Público Municipal*, v. XLV, São Paulo, 1938, p. 5-100.

VIEGAS, Maria do Carmo (Org.). *Minas é plural*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.

ZÁGARI, Mário R. L. Os falares mineiros: esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de A. (Org.). *A Geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998. p. 31-54.

## As formas de negação com o item *não* no português falado em Santa Luzia: um estudo preliminar

Laura Luiza Morais Reis Nunes de Avelar  
Mariana Regina da Silva  
Thássia Poliana de Almeida

### Resumo

O estudo que será apresentado analisa as ocorrências das estruturas de negação com o item *não* em um *corpus* falado composto por três entrevistas realizadas com informantes da cidade de Santa Luzia/MG. A análise levou em conta fatores extralingüísticos para quantificação dos dados. Após o levantamento e quantificação das ocorrências, procedeu-se com um estudo comparativo à luz de resultados obtidos em trabalhos feitos em outras cidades. Os resultados confirmaram o padrão de negação do português brasileiro, expresso pela estratégia [*Não V*] e apresentaram um resultado interessante no que diz respeito à variação *não* ~ *num*, levando-se em conta o que era esperado a partir dos resultados de outros estudos aqui citados.

### Palavras-chave

Estruturas de negação; estudo comparativo; variação.

## Introdução

O presente trabalho resulta de um estudo preliminar realizado com informantes da cidade de Santa Luzia/ MG e objetiva descrever as ocorrências das formas de negação com o item *não* no português falado na referida cidade, levando-se em conta fatores como escolaridade, faixa etária e isolamento geográfico.

As estruturas de negação analisadas neste artigo têm sido objeto de estudo de muitos trabalhos. Mas pesquisas voltadas especificamente para o português falado em Minas não são tão numerosas, o que motivou o estudo dessas estruturas em uma cidade do território mineiro.

Nos estudos sobre a negação no português brasileiro, autores como Furtado da Cunha, Camargos, Alkmim, Vitral e Ramos, Cavalcante e Sousa, observaram que, do ponto de vista sintático, há três tipos de construções negativas mais recorrentes:

- 1) a negação pré-verbal [*Não V*] – Eu *não* quero.
- 2) a negação pós-verbal [*V Não*] – Preciso *não*.
- 3) a negação dupla [*Não V Não*] – *Não* tenho *não*.

Nos dados obtidos, analisamos quantitativamente as ocorrências dessas estruturas, além de termos examinado a presença da variação *não ~ num*. Diante dos resultados, procedemos com um estudo comparativo à luz de trabalhos publicados, também, sobre outras cidades, em razão da carência dessa temática sobre o português mineiro.

A partir do trabalho de Cavalcante, atentamos para o fator isolamento, já que o autor afirma ser a negativa pré-verbal majoritária em cidades não isoladas, um dos motivos pelos quais a cidade de Santa Luzia foi escolhida. Além de ser a cidade natal de duas das autoras, Santa Luzia integra a região metropolitana de Belo Horizonte.

Com os resultados de Furtado da Cunha, comparamos a frequência de uso das estruturas negativas no que diz respeito à variável escolaridade. Os resultados da autora mostraram que há uma relação entre a escolaridade e o uso de certas estratégias, sendo as construções [*V Não*] e [*Não V Não*] menos frequentes na fala de pessoas com

maior escolaridade, motivo pelo qual foram escolhidas informantes com curso superior em andamento.

Os resultados de Camargos nos permitiram analisar o fator faixa etária. O autor aponta o uso da estratégia de negação pós-verbal como ascendente no dialeto mineiro falado pelos jovens. Assim, escolhemos informantes com idades entre 20-30 anos. Ressalte-se que, nesse quesito, não podemos chegar a uma conclusão, conforme será explicitado na seção de análise dos dados.

Os trabalhos de Alkmim, Furtado da Cunha, Vitral e Ramos e Sousa foram utilizados como base para descrição dos resultados relativos à variação *não ~ num* e à negação dupla. Hipóteses como enfraquecimento da partícula pré-verbal como condição para o aparecimento da partícula pós-verbal não foram confirmadas a partir dos resultados obtidos.

## Aspectos teórico-metodológicos

O fenômeno das estruturas negativas do português brasileiro tem sido tratado por diversos pesquisadores que investigam o funcionamento e o comportamento dessas formas de negação.

Sobre o português falado em Minas, conforme registrado na introdução deste artigo, esses trabalhos não são tão numerosos. É interessante registrar que, já na década de 1930, mais precisamente no ano de 1938, com a publicação dos “apontamentos” acerca do falar mineiro de José Aparecida Teixeira, já temos referência aos usos da negação no português falado em Minas. Teixeira afirma que “o emprego de duas negativas é o meio a que recorre o povo para exprimir a negação”,<sup>1</sup> fazendo referência à negativa dupla [*Não V Não*]. Para o autor, esta é a estrutura mais recorrente no falar mineiro, sobretudo das classes médias e altas. Ressalte-se que o trabalho acima mencionado não foi utilizado como base para justificar os resultados encontrados por não apresentar metodologia e dados estatísticos que embasem tal afirmação.

<sup>1</sup> TEIXEIRA. O falar mineiro, p. 91.

Após o trabalho desse autor, na literatura consultada, encontramos o artigo de Camargos, no qual uma discussão sobre as estratégias negativas no dialeto mineiro é proposta. A partir da aplicação de um teste de produção linguística em três faixas etárias – jovens, medianos e velhos –, Camargos verificou a existência de um declínio no uso da estratégia [Não V] e uma ascendência no uso da estratégia [V Não] na fala de jovens. Entretanto, não se pode afirmar que esta é a mais recorrente no português brasileiro.

Cavalcante, em sua dissertação de mestrado, analisou dados de fala de três comunidades afro-brasileiras do interior da Bahia e discutiu, dentre outros aspectos, a influência do isolamento geográfico e contato linguístico nos usos das estratégias de negação. Seus resultados mostraram que o uso da estratégia [Não V] é majoritário em cidades não isoladas geograficamente.

Furtado da Cunha, em pesquisa realizada com informantes da cidade de Natal/ RN, constatou que o fator escolaridade é relevante no que diz respeito à frequência de uso das estratégias de negação. As construções [V Não] e [Não V Não] são menos frequentes entre as pessoas que possuem maior escolaridade.

Furtado da Cunha e Cavalcante apresentam uma hipótese, com base em modelos funcionalistas, para o surgimento das construções de negação reduplicadas. De acordo com esses autores, o *não* pré-verbal sofre um desgaste fonológico, tornando-se átono e perdendo seu conteúdo semântico, não sendo, assim, capaz de negar a sentença por si só. Dessa forma, o uso do *não* pós-verbal serviria como um reforço para a negação.

Um importante estudo que vai de encontro a essa hipótese é a tese de doutorado de Alkmim, na qual a autora analisa as estruturas negativas por uma perspectiva sincrônica, a partir de entrevistas sociolinguísticas realizadas com informantes da cidade de Mariana/ MG e de Pombal, subdistrito da referida cidade, e por uma perspectiva diacrônica, com a análise de peças de teatro de autores mineiros dos séculos XIX e XX.

Os resultados de Alkmin contrariaram a hipótese de enfraquecimento da partícula pré-verbal para o surgimento da partícula

pós-verbal. A hipótese da autora é que há um processo de gramaticalização, no qual o *não* pós-verbal foi sendo incorporado à oração. Diante de algumas observações feitas em seu *corpus* escrito, a autora também lança a hipótese de que o segundo item negativo teria aparecido antes mesmo da redução fonológica do primeiro item.

Após os estudos de Alkmim, encontramos os trabalhos de Vitral e Ramos e Sousa, que investigam dados de falantes mineiros das cidades de Belo Horizonte e Mariana, respectivamente, apontando para o estatuto de clítico assumido pelo *não* pré-verbal em razão da sua redução fonológica.

A análise dos autores levou em conta fatores extralinguísticos, como faixa etária e escolaridade, e fatores linguísticos como a influência de itens que precedem e sucedem a partícula *não*, para testar a hipótese do processo de gramaticalização. Em relação aos fatores externos, os dados de Sousa mostraram que a realização da forma reduzida *num* é desfavorecida na faixa etária dos jovens, o que pode ser influenciado pelo maior grau de escolaridade; quanto aos fatores internos, confirmou-se que o *num* é uma das etapas de um processo de gramaticalização.

Vitral e Ramos encontraram um perfil ascendente das negativas duplas, o que favorece o processo de cliticização. Mas, ao contrário de Sousa, a frequência de *num* foi mais alta na fala dos jovens.

A partir dos resultados desses estudos, realizamos uma análise comparativa observando, quantitativamente, as ocorrências das estratégias de negação [Não V], [V Não] e [Não V Não], além da variação *não* ~ *num*. O *corpus* utilizado compõe-se de três entrevistas realizadas com informantes do sexo feminino da cidade de Santa Luzia/MG, com idades entre 20-30 anos e com curso superior em andamento.

### **Análise dos dados**

O *corpus* analisado apresentou 178 ocorrências de estruturas negativas distribuídas nas estratégias de acordo com a tabela que se segue:



**Tabela 1**  
**Ocorrências das estratégias negativas no corpus**

Tipo de estratégia	Ocorrências	Porcentagem
[Não V]	163	91,6%
[V Não]	1	0,6%
[Não V Não]	14	7,8%
<i>Total</i>	<i>178</i>	<i>100%</i>

Pela análise da Tabela 1, observa-se que a estratégia [Não V] – exemplificada a seguir – foi a mais recorrente no *corpus* em questão, o que corrobora o que é apresentado pelos autores consultados.

- 4) na verdade cê *não* percebe isso muito né?  
5) *não* tenho medo de barata...

A esse respeito, os resultados coincidem com os encontrados por Cavalcante, que aponta a estratégia [Não V] como predominante em cidades sem isolamento geográfico, como é o caso de Santa Luzia/MG.

Ainda pela Tabela 1, é possível observar a baixa ocorrência das estruturas [V Não] e [Não V Não], exemplificadas abaixo:

- 6) [V Não] – abrir *não*...  
7) [Não V Não] – tanto algumas pessoas mais que *não* chegou a influenciar *não*...

Mais uma vez, os resultados coincidem com um dos trabalhos consultados. Conforme Furtado da Cunha, essas estruturas são minoritárias na fala de pessoas com maior escolaridade. O *corpus* da cidade de Santa Luzia, composto por informantes com curso superior em andamento, apresentou apenas um total de 8,4% das estratégias pós-verbais e reduplicadas.

### A realização do item *não* em posição pré-verbal

Durante o levantamento dos dados, observamos mais de uma possibilidade de realização do item *não* em posição pré-verbal, como forma plena [*não*] e como forma reduzida [*num*], conforme exemplos extraídos do *corpus*:

8) eu/o que eu podia fazer era estudar e o que eu *não* podia fazer era todo o resto...

9) desde que eu *num* tenha que lavar vasilha...

**Tabela 2**  
**Distribuição dos itens conforme a realização do item não em negativas pré-verbais**

Tipo de realização em posição pré-verbal	Ocorrências	Porcentagem
Forma plena	79	48,5%
Forma reduzida	84	51,5%
<i>Total</i>	<i>163</i>	<i>100%</i>

O grande número de ocorrências da forma reduzida [*num*] em uma construção [Não V] contraria a hipótese de Furtado da Cunha, que considera obrigatório o aparecimento da partícula pós-verbal nos casos em que o item *não* sofre redução fonológica. Alkmim, por outro lado, aponta que esse enfraquecimento não é suficiente para explicar o aparecimento do segundo item *não* na sentença. Desse modo, os resultados da Tabela 2 parecem estar mais de acordo com esta autora, uma vez que temos mais de 50% de realizações pré-verbais com a partícula [*num*].

### A realização do item *não* nas negativas duplas

Considerando as observações acima, segue a distribuição dos itens conforme a realização do item *não* em negativas duplas:

**Tabela 3:**  
**Distribuição dos itens conforme a realização do item não em negativas duplas**

Tipo de realização do item não – negativa dupla	Ocorrências	Porcentagem
Reduplicada sem redução	2	14,3%
Reduplicada reduzida	12	85,7%
<i>Total</i>	<i>14</i>	<i>100%</i>

Com base na Tabela 3, observa-se um maior número de ocorrências de reduplicadas com a redução fonológica da partícula [num]. Apesar disso, em alguns casos, o item *não* manteve a forma plena, conforme o exemplo a seguir:

10) já vi muitos casos... e na verdade... *não* advogaria a favor *não*...

Novamente, os resultados contrariam a hipótese de Furtado da Cunha, uma vez que as ocorrências de reduplicadas com o item *não* reduzido não foram unânimes.

Observando-se a Tabela 4, temos outro elemento que contraria a hipótese de Furtado da Cunha.

**Tabela 4**  
**Número de ocorrências de pré-verbais reduzidas X reduplicadas reduzidas em relação ao total geral do corpus**

Tipo de estratégia	Ocorrências	Porcentagem
Pré-verbal reduzida	84/178	47,2%
Reduplicada reduzida	12/178	6,7%
<i>Total</i>	<i>96/178</i>	<i>53,9%</i>

Comparando-se as Tabelas 3 e 4, verifica-se um dado interessante. Apesar de a estratégia de negação reduplicada com a forma reduzida se mostrar mais recorrente em relação à reduplicada com a forma plena, percebe-se que, em relação ao total geral do *corpus*, o número de reduplicadas reduzidas não foi expressivo, sendo favorecida a estrutura pré-verbal com a partícula [num].

### A influência da variável escolaridade na realização da partícula [num]

A tabela que se segue nos permite fazer uma consideração a respeito da variável escolaridade em relação à partícula [num].

**Tabela 5**  
**Presença da partícula [num] nas estratégias de negação**

Tipo de realização do item <i>não</i>	Ocorrências	Porcentagem
Forma plena	82	46,1%
Forma reduzida	96	53,9%
<i>Total</i>	<i>178</i>	<i>100%</i>

Observa-se, por meio da Tabela 5, a maior ocorrência da forma reduzida, independente do tipo de estratégia utilizada pelo informante. Esses dados estão em desacordo com os resultados de Sousa, que apontaram a faixa etária dos jovens como fator que desfavorece a realização da partícula [num]. Entretanto, estão de acordo com os resultados obtidos por Vitral e Ramos, que encontraram o maior número de ocorrências dessa partícula na referida faixa etária.

Com relação ao estudo de Camargos, não foi possível confirmar ou refutar a hipótese de que há uma ascendência da estratégia [V Não] entre os jovens. Isso se deu pelo fato de termos encontrado apenas uma ocorrência dessa estratégia, o que foi inexpressivo no *corpus*. Além disso, dados de outras faixas etárias – velhos e medianos – seriam imprescindíveis para verificação da ascendência desse tipo de estratégia.

### Considerações finais

Com base na análise dos dados, é possível fazer algumas considerações.

A estratégia [Não V] apresentou-se como majoritária no *corpus* de língua falada coletado na cidade de Santa Luzia, conforme o esperado, já que essa estrutura é considerada o padrão de negação do português brasileiro por vários estudiosos.

Com relação às negativas duplas, observa-se uma maior ocorrência do item *não* reduzido. Deve-se ressaltar que o fenômeno não se restringe às reduplicadas, ocorrendo, também, nas estruturas [Não V]. Esse fato nos chamou atenção, já que o esperado era a reduplicação da maioria das estruturas em que o item *não* aparecesse em sua forma reduzida.

O fator escolaridade mostrou-se relevante na realização de estruturas pós-verbais e reduplicadas, que não apresentaram valores expressivos em relação às pré-verbais. Percebe-se, também, que essa variável não favoreceu a realização do item *não* em sua forma plena, assim como o fator faixa etária. Este favoreceu o aparecimento do item reduzido, conforme os resultados de Vitral e Ramos.

Além dos fatores analisados neste artigo em relação ao uso das estratégias de negação, alguns autores aqui citados também consideram elementos sintáticos que podem influenciar esse uso, como a presença de quantificadores à esquerda ou à direita da partícula de negação. Foram encontrados no *corpus* exemplos que mereciam esse tipo de análise, entretanto, por este não ser o objetivo do trabalho, eles não foram contemplados, ficando a cargo de estudos futuros.

## Referências

ALKMIN, Mônica Guieiro R. *As negativas sentenciais no dialeto mineiro: uma abordagem variacionista*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

CAMARGOS, Marcelo Luiz de. *A negativa: uma análise qualitativa*. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/LCA/clca03.htm>>. Acesso em: 8 abr. 2012.

CAVALCANTE, Rerisson. *A negação pós-verbal no português brasileiro: análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes*. 2007. 159 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo *et al* (Org.). *Gramaticalização no português do Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 167-189.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. *DELTA*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 1-30, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502001000100001&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502001000100001&script=sci_arttext)>. Acesso em: 3 jul. 2012.

SOUSA, Lílian Teixeira de. *Formas reduzidas de itens negativos no português brasileiro*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

TEIXEIRA, José de Aparecida. O falar mineiro. *Revista do Arquivo Público Municipal*, v. XLV, São Paulo, 1938, p. 5-100.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. O processo não-num na fala. In: \_\_\_\_\_. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2006. p. 119-132.

## Apagamento dos clíticos pronominais: uma análise sociolinguística na cidade de Sete Lagoas

Letícia Pena Silveira  
Naísa Gécida Alves Santos

### Resumo

A partir de hipótese anteriormente apontada por outros autores sobre o apagamento dos clíticos pronominais ser típico de Minas Gerais, buscou-se com este estudo verificar como tal fenômeno ocorre, a partir da análise de entrevistas realizadas na cidade de Sete Lagoas, com três informantes de diferentes escolaridades. Para a avaliação linguística, os pronomes clíticos realizáveis foram classificados em pseudorreflexivos (com verbos pronominais e causativo-ergativos), reflexivos e recíprocos. Confirmada a hipótese da predominância da ausência em detrimento da ocorrência dos pronomes clíticos, possíveis justificativas para a preponderância dessa variável foram levantadas na conclusão da pesquisa.

### Palavras-chave

Variação linguística; clítico pronominal; falar mineiro.

## Introdução

O presente artigo tem como objeto de estudo o uso dos clíticos pronominais (me, te, se, nos e vos)<sup>1</sup> no falar mineiro,<sup>2</sup> a partir de análise de *corpus* coletado com moradores da cidade de Sete Lagoas. Investigaram-se a presença e a ausência dos pronomes em construções nas quais se comportam como (1) pseudorreflexivos, (2) recíprocos ou (3) reflexivos. Buscou-se verificar se há preponderância da sua não realização na fala coloquial, hipótese inicial que justifica a escolha do objeto. Nos casos da sua ausência, examinou-se se recursos foram utilizados pelos falantes em substituição aos clíticos, o que foi incluído na análise dos fatores linguísticos.

1) a) com verbo pronominal: Ele se suicidou.

b) com verbo causativo-ergativo: Isso preocupou João; João se preocupou com isso.

2) Nós *nos* encontramos.

3) Tu *te* feriste.<sup>3</sup>

Dentro de Minas Gerais, a opção pela análise da presença ou do apagamento dos clíticos justificou-se pela crença de que esse fenômeno seja uma característica peculiar do estado, conforme apontado por Oliveira.<sup>4</sup> Ainda, o fato de o falar mineiro, dentro da divisão tripartite de Zágari, ser o que não tem demarcadas características linguísticas ocorrentes em outros estados levou as autoras do artigo a optarem por concentrar a coleta de dados em cidade onde se registra este falar. A escolha por Sete Lagoas ocorreu devido à presença de familiares de uma das autoras do artigo no município, o que facilitou o contato com os informantes e a estada na cidade durante a realização da pesquisa.

<sup>1</sup> Estes são os possíveis clíticos, apesar de nem todos terem ocorrido no *corpus*.

<sup>2</sup> De acordo com a proposta de Zágari, são observados no estado de Minas Gerais três falares: o baiano, o paulista e o mineiro. Os falantes deste último se encontram “presos” (p. 35) entre as áreas do falar baiano e do paulista e, portanto, não realizam características desses falares, como a nasalidade fora da sílaba tônica – como em [bã'nãna] –, peculiar ao primeiro, e a retroflexão do “r”, característico do segundo.

<sup>3</sup> Exemplos elaborados pelas próprias autoras do artigo.

<sup>4</sup> A autora compara o uso de clíticos pronominais em três regiões brasileiras, as quais ela denomina paulista, nordestina e mineira. Mais informações serão explicitadas na Fundamentação Teórica deste artigo.

Fundado pelos bandeirantes, este município, de acordo com A Cidade de Sete Lagoas (ano desconhecido), está entre os dez maiores de Minas Gerais. Além disso, pertence, segundo dados do IBGE, à Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte,<sup>5</sup> sendo ainda a cidade-influência da Microrregião de Sete Lagoas, que reúne vinte municípios.

Na próxima seção, serão retomados alguns trabalhos que se ocuparam do mesmo fenômeno linguístico, não necessariamente se restringindo ao estado de Minas Gerais, e outras fontes não ligadas ao fenômeno. Depois dessa retomada, apresentam-se a metodologia utilizada, a análise dos dados e, por fim, as considerações finais.

## Fundamentação Teórica

### ***Estudos sobre o fenômeno do apagamento dos clíticos pronominais***

O apagamento dos clíticos pronominais é um fenômeno já bastante estudado. Encontraram-se, para fundamentar esta pesquisa, três estudos: Carvalho, Cunha e Oliveira. Abaixo, serão apresentadas questões levantadas por esses trabalhos, as quais contribuíram para a análise dos dados de Sete Lagoas.

Cunha e Carvalho se valeram da classificação dos pronomes em pseudorreflexivos, reflexivos e recíprocos para investigarem em qual, ou quais, desses usos está sendo mais observado o apagamento. Tais nomenclaturas se referem aos clíticos de verbos pronominais e de verbos causativo-ergativos;<sup>6</sup> aos casos em que os pronomes podem ser trocados por “a si mesmo”; e aos outros em que podem ser substituídos por “um a outro”, respectivamente. Dessas terminologias, este trabalho também se vale.

O trabalho de Cunha objetivou, com dados de Belo Horizonte, “analisar os verbos experienciais e beneficiários que aceitam a

<sup>5</sup> Pelo critério do IBGE, Minas Gerais é dividida geograficamente em doze mesorregiões, as quais são divididas ainda em microrregiões. O governo estadual, entretanto, utiliza outra segmentação territorial, dividindo Minas Gerais em Regiões de Planejamento (RP), que são dez. Nesta divisão, Sete Lagoas está localizada na RP Central.

<sup>6</sup> “O fenômeno da alternância causativo-ergativa consiste em um mesmo verbo aparecer em duas configurações sintáticas distintas, uma transitiva, como ‘João quebrou o vaso’, e outra intransitiva, como ‘o vaso quebrou’”. CIRÍACO. *A alternância causativo/ergativa no PB: restrições sintáticas e semânticas*, p. 8.

propriedade de ergativização e a realizam na forma pronominal”.<sup>7</sup> Já no artigo de Carvalho, a autora abordou apenas os verbos experienciais e coletou os dados na cidade de Santa Luzia/MG. Os dois trabalhos se valeram de análise quantitativa, fazendo, assim, tabelas-relatório com números de ocorrência e não ocorrência que comprovaram que o apagamento dos clíticos pronominais é um processo em expansão.

Oliveira, em sua pesquisa, verifica o uso do clítico *se* em três regiões: paulista, nordestina e mineira. Na primeira localidade, registrou-se a falta de concordância entre o pronome oblíquo e o reto (“Eu se conformei com a decisão dele”<sup>8</sup>); na segunda, observou-se a duplicação do *se* com outras formas pronominais (“Ele se aproveitou muito para ele”<sup>9</sup>). A abordagem sobre a terceira região foi a que interessou a este trabalho, pois a autora considera o apagamento da partícula *se* próprio do falar de Minas Gerais. Puderam-se aproveitar também, dos três trabalhos, alguns verbos presentes nos *corpora* para se direcionarem perguntas aos entrevistados.

#### **Outras fontes**

Além dos trabalhos sobre o fenômeno em estudo, a pesquisa foi fundamentada por outras obras. Tendo como base a afirmação de Cunha de que “a questão da presença ou ausência do pronome deve ser tratada como um caso de variação linguística”,<sup>10</sup> houve a necessidade de se levar em conta o fator extralinguístico e verificar sua expressividade nas ocorrências. Visto ser o fenômeno sintático, baseou-se na afirmação de Zágari de que, quanto às variações na sintaxe entre os falares de Minas Gerais, a “gramática passa a funcionar de acordo com os estratos sociais e o maior ou menor índice de escolaridade”<sup>11</sup> para a seleção de níveis de formação distintos entre os informantes como critério para o exame extralinguístico. Nesse âmbito, Tarallo também foi consultado, no que postula sobre a relação entre a língua e a sociedade e sobre os métodos de seleção da sociolinguística quantitativa.

<sup>7</sup> CUNHA. Um panorama do apagamento do clítico “se” no dialeto de Belo Horizonte, p. 49.

<sup>8</sup> OLIVEIRA. *Nós se cliticizou-se?*, p. 1.

<sup>9</sup> OLIVEIRA. *Nós se cliticizou-se?*, p. 1.

<sup>10</sup> CUNHA. Um panorama do apagamento do clítico “se” no dialeto de Belo Horizonte, p. 52.

<sup>11</sup> ZÁGARI. A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas, p. 32.

No que tange ao estudo dos verbos com os quais podem ocorrer os pronomes clíticos, utilizou-se o dicionário de Ferreira, a fim de verificar se os verbos seriam pronominais – que exigem a partícula clítica – ou se possuiriam a forma pronominal concomitante com outras não pronominais, não sendo, portanto, nestes casos, obrigatório o clítico. Assim, a obra foi consultada para se constatar se verbos tradicionalmente pronominais já estariam sendo registrados no dicionário também como não pronominais, comprovando-se que o uso da língua estaria ampliando a aceitação de diferentes regências.

#### **Metodologia**

Para a formação do *corpus* a ser analisado, fizeram-se entrevistas orais, realizadas em abril de 2012, com moradores do centro de Sete Lagoas, os quais deveriam ser naturais da cidade ou ter residido a maior parte da vida no município, visto que se busca registrar atributos linguísticos próprios da comunidade regional. Embora se admita que a convivência com indivíduos – familiares ou pessoas muito próximas – de outro estado possa interferir na idiosincrasia linguística do entrevistado, isso não será considerado neste estudo.

Todas as entrevistas foram conduzidas pelas duas autoras juntas. Alguns informantes foram indicados por um familiar de uma das autoras deste artigo, sendo a entrevista feita no ambiente residencial dos entrevistados. Nesse caso, houve participação, durante a gravação, de tal familiar da entrevistadora, o que favoreceu a fluidez da conversa. Houve caso em que a abordagem ao informante foi aleatória, pelas ruas da cidade, quando foi percebido menor grau de espontaneidade nas respostas.

Como já fora citado, houve a necessidade de se levar em conta o fator extralinguístico para a seleção de informantes, a fim de verificar se haveria diferenças nas ocorrências em relação a divergentes grupos sociais. Pautando-se em Zágari, que, ao identificar três falares em Minas Gerais, afirma que, no âmbito sintático, a escolha das variantes pelos falantes depende do nível de formação escolar, selecionou-se um informante para cada uma de três diferentes escolaridades: ensino

fundamental incompleto, ensino médio completo e ensino superior completo. Tal divisão serviu para se questionar se este fator extralinguístico é determinante para a preferência pela presença ou pela ausência dos clíticos pronominais nas falas dos entrevistados, ratificando ou não a afirmação de Zágari.

Foram feitas aos informantes em torno de 18 perguntas pré-selecionadas<sup>12</sup> – tais como “Você se lembra de como você e seu(sua) companheiro(a) se conheceram?” –, em que foram usados verbos com os quais há possibilidade de realização dos pronomes clíticos. Durante o diálogo, ocorreram perguntas que não estão nessa lista preestabelecida, a fim de se chegar às ocorrências desejadas. Estas foram contabilizadas, tabuladas e divididas em presença ou ausência do pronome clítico de acordo com o uso deste, se pseudorreflexivos, recíprocos ou reflexivos, em uma análise quantitativa dos dados. Registrou-se se houve preponderância da não ocorrência – que é a hipótese inicial – e comparou-se o comportamento dos pronomes clíticos em relação àquelas diferentes funções.

Como resultados, apontou-se qual das variantes predominou no *corpus*, se a ausência ou a presença, e a influência dos critérios analisados – o tipo de pronome e a escolaridade – na realização ou não dos clíticos. No caso de ausência, listaram-se, ainda, os recursos usados pelos informantes, quando houve, em substituição ao uso do clítico. Todos os verbos encontrados foram considerados, já que, neste estudo, a análise semântica não se voltou para categorias verbais específicas, mas ao papel do complemento clítico em todas as construções do *corpus* em que seria possível sua ocorrência.

## **Análise dos dados**

### **Análise linguística**

Para a análise quantitativa dos dados, foi preciso, primeiramente, identificar e classificar a natureza das construções verbo + “possível” clítico pronominal (não necessariamente nessa ordem), de acordo com as

<sup>12</sup> A lista das perguntas pré-formuladas está no Anexo (A) deste artigo.

categorias semânticas já anteriormente nomeadas para os pronomes: pseudorreflexivo, recíproco e reflexivo. Foram, no total, 71 ocorrências dessas construções, com 26 diferentes verbos,<sup>13</sup> conforme relacionado na tabela abaixo.

**Tabela 1**  
**Número de ocorrências por verbo e tipo de pronome**

<b>Classificação</b>	<b>Número</b>	<b>Verbo</b>	<b>Î</b>	<b>Ø</b>	<b>Total</b>
Pseudorreflexivo	1	lembrar	1	8	9
	2	levantar	0	8	8
	3	formar	0	6	6
	4	casar	0	4	4
	5	mudar	0	4	4
	6	divertir	0	3	3
	7	importar	3	0	3
	8	preocupar	1	2	3
	9	arrebentar	0	2	2
	10	divorciar	0	2	2
	11	suicidar	0	2	2
	12	encontrar	0	1	1
	13	finalizar	1	0	1
	14	preparar	1	0	1
	15	queixar	1	0	1
<i>Subtotal</i>			<i>8</i>	<i>42</i>	<i>50</i>
Recíproco	1	encontrar	1	3	4
	2	juntar	1	2	3
	3	conhecer	1	1	2
	4	separar	1	0	1
	5	ver	1	0	1
<i>Subtotal</i>			<i>5</i>	<i>6</i>	<i>11</i>
Reflexivo	1	olhar	0	4	4
	2	descrever	1	1	2
	3	cuidar	1	0	1
	4	depilar	1	0	1
	5	enforçar	0	1	1
	6	machucar	0	1	1
<i>Subtotal</i>			<i>3</i>	<i>7</i>	<i>10</i>
<b>Total</b>	<b>26</b>		<b>16</b>	<b>55</b>	<b>71</b>

<sup>13</sup> O verbo “encontrar” foi identificado em duas diferentes acepções, uma compatível com o pronome pseudorreflexivo (pronominal), e outra, com o recíproco. As ocorrências dessas duas acepções foram contabilizadas separadamente.

Ao se listarem os verbos, percebeu-se a predominância de ocorrência dos que poderiam se realizar com pronomes pseudorreflexivos, seguidos dos registrados com “possíveis” pronomes recíprocos e reflexivos, nestes últimos, havendo um equilíbrio de ocorrências (onze e dez, respectivamente). Dos primeiros, identificaram-se quinze verbos, dos quais dois, de acordo com Ferreira e Mesquita, devem ocorrer, pela norma padrão, com ou sem o clítico a depender do uso de preposição em seus complementos: *lembrar* (“Eu *me* lembro *de* que ele era feliz”; “Eu  $\emptyset_{\text{pron}}$  lembro  $\emptyset_{\text{prep}}$  que ele era feliz”) e *encontrar* (“eu *me* encontrei *com* Maria”; “Eu  $\emptyset_{\text{pron}}$  encontrei  $\emptyset_{\text{prep}}$  Maria”). Nesse primeiro grupo de verbos, destaca-se, ainda, o causativo-ergativo *arrebentar*, cuja regência, para a mesma acepção de “partir-se, quebrar-se”, pode ser, na norma culta, ainda segundo Ferreira, intransitiva (“As cordas arrebentaram”) ou pronominal (“As cordas se arrebentaram”). Os demais verbos desse grupo, sendo pronominais, exigiriam, conforme consta naquela mesma obra, o uso do clítico.

Nos dois últimos grupos, das estruturas com verbo e “possível” clítico recíproco ou reflexivo, listaram-se cinco e seis verbos diferentes, respectivamente. Ao contrário do verificado com os clíticos da primeira classificação – pseudorreflexivos –, a relação desses pronomes com os verbos seria mais semântica do que relacionada à regência verbal. Ao pronome recíproco (4), assim, poderia ser atribuído o mesmo significado da expressão “um ao outro”, ao ter como referentes no mínimo dois seres, cada qual sendo responsável por uma ação/experiência perante o outro e, concomitantemente, paciente/alvo de igual ação por aquele outro, em reciprocidade. O reflexivo (5), por sua vez, indicaria ser seu referente agente/experienciador e, ao mesmo tempo, paciente/alvo de uma ação/experiência única indicada pelo verbo, podendo ser substituído por “a si (mim) mesmo”.

1) a) Inf. 3: “... meus pais se separaram quando eu era criança...”

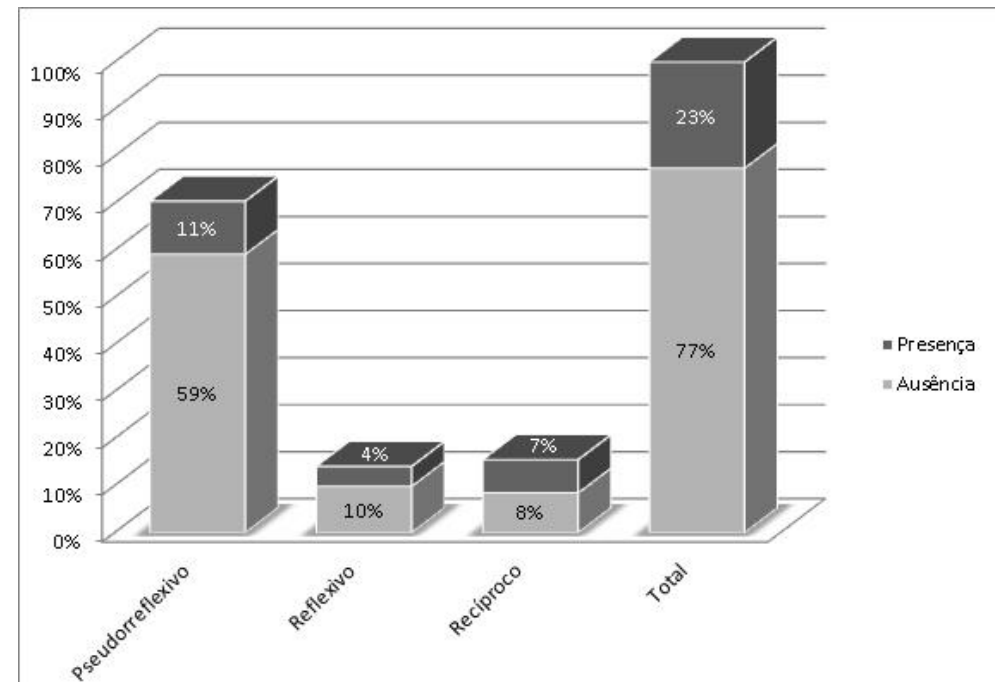
b) Inf. 2: “o dia que ele vinha... nós  $\emptyset$  encontrava... aquela coisa toda”

2) a) Inf. 1: “é... eu mesmo *me* depilo... eu mesmo faço minha unha...”

b) Inf. 2: “não  $\emptyset$  olho no espelho não... não sô muito... vaidosa não...”

Levando-se em consideração as funções dos pronomes clíticos de acordo com as três classificações, é possível, então, apontar o pseudorreflexivo como tendo carga semântica menos relevante que o recíproco e o reflexivo. Tal consideração seria justificativa para estes pronomes terem sido mais realizados na fala dos entrevistados que aquele, embora em nenhum dos três tenha havido predominância da presença, conforme exibido no Gráfico 1:

**Gráfico 1**  
**Ocorrência dos pronomes clíticos por classificação semântica**



Infere-se, pelos dados contidos no gráfico, que há uma tendência global de ausência dos clíticos, destacando-se que, de todas as ocorrências, preponderaram os clíticos pseudorreflexivos não realizados, representando mais da metade dos casos de ausência (59% do total de 77% de ausência no *corpus*). Nos casos de ausência dos pseudorreflexivos, ainda, não foi registrado uso de nenhum recurso pelos falantes a compensar a ausência do clítico. A carga semântica dos pronomes parece favorecer, então, a sua realização, compreendendo-se que os recíprocos e os reflexivos têm maior peso nesse critério que os pseudorreflexivos. Por este estudo, porém, não foi possível dizer qual dos dois primeiros seria mais representativo nesse quesito, se, entre os reflexivos e os recíprocos, algum teria maior relevância semântica.

Outro dado que justificaria a hegemonia da ausência nos pseudorreflexivos seria que a relação destes com os verbos parece ser predominantemente sintática, com as construções podendo ocorrer de várias formas a depender da regência do verbo (como exemplificado para o *lembrar*, o *encontrar* e o causativo-ergativo *arrebentar*). Levanta-se, pois, com esta pesquisa, a hipótese de, como pseudorreflexiva, a partícula clítica pronominal estar se tornando expletiva, podendo ser utilizada ou não sem interferir no sentido da oração.

No caso da análise dos reflexivos e dos recíprocos, entretanto, houve registro de frases tais como (6),<sup>14</sup> em que expressões com significação sinônima ao papel do clítico foram utilizadas na ausência desse. Tal recurso aponta para a importância semântica dos pronomes em construções daqueles tipos, nas quais eles marcam relação explícita entre seu referente e a ação do verbo.

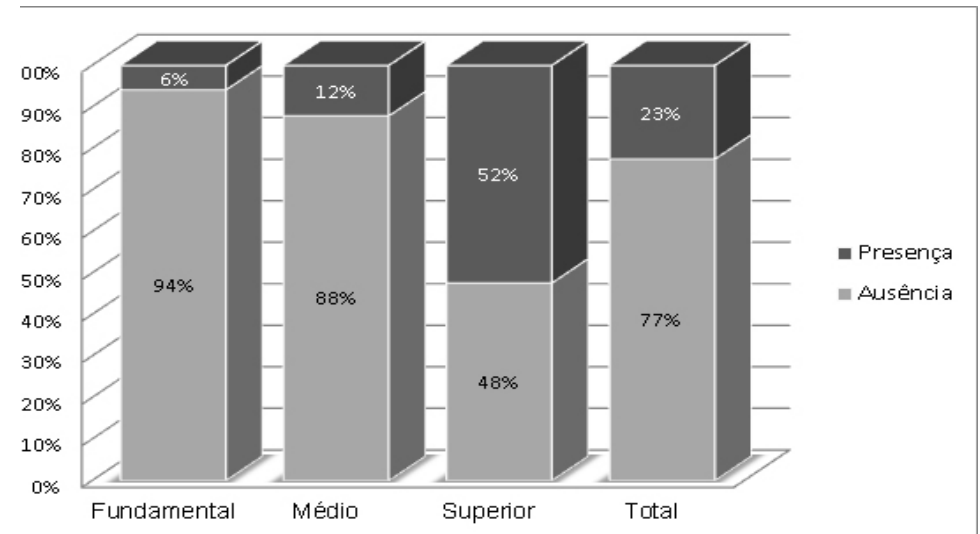
1) Inf. 3: "...e aí a gente convivendo mais tendo mais contato... foi gostando *um do outro* aí começamo a namorar.."

<sup>14</sup> Tal ocorrência não faz parte do *corpus*, visto que, nela, não há possibilidade de ocorrência de clítico pronominal. Ela foi usada apenas a título de exemplo.

### Análise extralinguística

Realizada a análise linguística, procurou-se verificar se o fenômeno da ausência/presença de clíticos pronominais, que é sintático, teria como fator a influenciar as ocorrências o nível de escolaridade do informante – critério escolhido de acordo com Zágari, pela afirmativa do autor de que, em variações sintáticas, a formação escolar influencia a escolha da variante pelo falante. Para o mesmo autor, dentro dos falares mineiros, não haveria diferenças sintáticas peculiares de cada região, sendo as diferentes variáveis nesse âmbito linguístico dependentes somente do nível de instrução dos informantes.<sup>15</sup>

**Gráfico 2**  
**Ocorrência dos pronomes clíticos por nível de escolaridade dos entrevistados**



A partir do Gráfico 2, foi possível constatar um aumento proporcional da presença dos clíticos pronominais em relação ao nível de escolaridade dos entrevistados, comprovando que o fator nível de instrução é relevante na escolha da variável a ser utilizada pelo falante. Destaca-se, ainda, que, para o informante com nível

<sup>15</sup> E também da classe social, mas este critério não foi avaliado neste artigo.



superior completo, houve pequena predominância da presença, o que aponta que, embora não pareça ser uma variável estigmatizada, a ausência dos clíticos tender a ocorrer na fala de pessoas menos instruídas. Este resultado foi de encontro à expectativa das autoras, que apostavam na preponderância da ausência para os três níveis de formação.

Como justificativa para o resultado em que a presença dos clíticos foi, surpreendentemente, favorecida, aponta-se o grau de formalidade como a entrevista, nesse caso, se deu – não obstante em local reservado, no ambiente de trabalho do entrevistado. As outras, com informantes do ensino fundamental incompleto e com ensino médio completo, em contrapartida, ocorreram em casa de conhecido e na própria residência do informante, respectivamente, ambas com a presença e a participação de interveniente conhecido em comum do entrevistado e de uma das entrevistadoras, o que favoreceu o nível de espontaneidade da conversa a ser registrada.

Por fim, cruzando-se os dois critérios analisados, o linguístico e o extralinguístico, foi possível confirmar fatores favorecedores da presença dos clíticos, conforme dados da Tabela 2:

**Tabela 2**  
**Ocorrência dos pronomes clíticos por classificação semântica e nível de escolaridade dos informantes**

Classificação	Fundamental		Médio		Superior		Total		Total %	
	Î	Ø	Î	Ø	Î	Ø	Î	Ø	Î	Ø
Pseudorreflexivo	0	12	1	20	7	10	8	42	16%	84%
Reflexivo	1	3	0	4	2	0	3	7	30%	70%
Recíproco	0	1	3	5	2	0	5	6	45%	55%
<i>Total</i>	<i>1</i>	<i>16</i>	<i>4</i>	<i>29</i>	<i>11</i>	<i>10</i>	<i>16</i>	<i>55</i>	<i>23%</i>	<i>77%</i>

Confirmando que há favorecimento da presença do clítico pronominal pela maior carga semântica que apresenta na construção com o verbo e pelo maior nível de escolaridade do informante, os dados apresentados na tabela mostram que, nas dez ocorrências em que houve a ausência do pronome clítico na gravação com o

informante de ensino superior completo, todas se deram com o pseudorreflexivo. Com o entrevistado de ensino fundamental incompleto e com o de ensino médio completo, por sua vez, constatou-se que, quando realizado, o clítico foi reflexivo, no primeiro caso, ou predominantemente recíproco (três em quatro), na entrevista com o segundo, sustentando-se a suposição de que a carga semântica que esses tipos de pronome carregam favorece sua realização, já que informações se perdem com sua ausência.

### Considerações finais

Através de análise com número limitado de dados – entrevistas com apenas três informantes, mas de escolaridades diferentes e representantes de uma mesma região, Sete Lagoas –, foi possível registrar um possível panorama para o fenômeno atual da variação presença/ausência dos clíticos. O objeto de estudo foi escolhido devido à hipótese anteriormente levantada por outros autores de o apagamento desses clíticos ser característico do estado de Minas Gerais e pelo fato de se tratar de tipo de fenômeno sintático, cujas variantes, segundo Zágari, predominam a depender da escolaridade dos falantes.

Para analisar este critério extralinguístico foram selecionados informantes com ensino fundamental incompleto, ensino médio completo e ensino superior. O exame quantitativo dos dados apontou relação diretamente proporcional da escolaridade com o percentual das ocorrências em que o clítico se realizou, embora não pareça ser a ausência uma variável estigmatizada.

Houve pequeno predomínio da presença (55%) para o informante graduado, dado que se confrontou com a hipótese inicial de que haveria preponderância da ausência independentemente dos fatores analisados. Justificou-se também como favorecedor da presença, nesse caso, o ambiente em que a entrevista foi realizada, no trabalho do informante, tendo caráter mais formal; enquanto que as outras duas ocorreram com presença e participação de interveniente conhecido em comum dos entrevistados e de uma

das entrevistadoras – todas as entrevistas foram realizadas pelas duas autoras juntas –, o que contribuiu para a espontaneidade da conversa.

Quanto ao fator linguístico, apontou-se que uma maior carga semântica do pronome clítico favoreceria a sua presença nas construções com verbos, já que sua ausência tenderia a acarretar perda de informações e pedir possível compensação com outros recursos. Na divisão entre pseudorreflexivos, recíprocos e reflexivos, notou-se que em todos houve a preponderância da ausência, como esperado, destacando-se esta nos primeiros, que apresentam menos carga semântica que ambos os últimos. Uma hipótese levantada por este trabalho, e que fica como sugestão de pesquisa, trata de que os pronomes pseudorreflexivos estão se tornando partícula expletiva, cujo não uso não acarreta perda de sentido na frase, já que nenhum recurso foi usado pelos falantes para suprir a ausência desse tipo de pronome.

Este estudo, portanto, corrobora a hipótese de que, atualmente, há predomínio da ausência dos pronomes clíticos em detrimento da presença e aponta possíveis fatores a favorecer a variável preponderante: menor nível de escolaridade dos falantes e carga semântica do pronome. Espera-se, com tais resultados, instigar o interesse de pesquisadores pela verificação das suposições aqui levantadas e das demais aqui citadas e confirmadas pelas autoras.

## **Anexo: questionário para os informantes**

- 1) Como você se chama?
- 2) Você já se casou? Como seu (sua) companheiro (a) se chama?
- 3) Você se lembra de como se conheceram? E da primeira vez que se beijaram?
- 4) Qual é o seu grau de escolaridade? Se for formado, em que se formou?
- 5) O que você costuma fazer para se divertir?
- 6) Como é sua rotina? A que horas você se levanta e a que horas se deita?
- 7) Com que frequência você se encontra com sua família?
- 8) Você tem muitos irmãos ou primos? Vocês brigavam muito na infância?
- 9) Como você se vira para ganhar dinheiro?
- 10) Com o que você se ocupa?
- 11) Você se queixa de alguma dor?
- 12) O que te interessa nos dias de hoje?
- 13) Qual a sua maior preocupação nos dias de hoje? Com quem você mais se preocupa?
- 14) Você já se feriu ou se machucou gravemente alguma vez?
- 15) Você se lembra de alguém que sofreu um acidente grave ou tirou a própria vida?
- 16) Como você se descreveria como pessoa?
- 17) Como você se cuida? Se olha muito no espelho?
- 18) Você já foi à Arena do Jacaré? Se divertiu muito?

## **Referências**

CARVALHO, Gabriele Cristine. O apagamento do pronome se nas cidades de Santa Luzia/MG. In: DOGLIANI, Evelyne; COHEN, Maria Antonieta A. M. *Pelas trilhas de Minas: a língua nas Gerais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.

CIRÍACO, Larissa. *A alternância causativo/ergativa no PB: restrições sintáticas e semânticas*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/nupes/dados/arquivos/disserta%C3%A7aolarissa.pdf>>. Acesso em: 8 abr. 2012.

CUNHA, Carolina Dias. Um panorama do apagamento do clítico "se" no dialeto de Belo Horizonte. In: DOGLIANI, Evelyne; COHEN, Maria Antonieta A. M. *Pelas trilhas de Minas: a língua nas Gerais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. 5. ed. São Paulo: Editora Positivo, 2010.

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS APLICADAS. *Mesorregiões e microrregiões*. Disponível em: <<http://www.mg.gov.br/governomg/ecp/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=69547&chPlc=69547&termos=s&app=governomg&tax=0&taxp=5922>>. Acesso em: 31 mar. 2012.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Saraiva, 2007.

OLIVEIRA, Marilza de. *Nós se cliticizou-se?*. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/maril014.pdf>>. Acessado em: 26 mar. 2012.

SETE LAGOAS. *Dados gerais*. Disponível em: <<http://www.setelagoas.com.br/setelagoas/cidade>>. Acessado em: 30 abr. 2012.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolinguística*. Editora Ática: São Paulo, 1986.

ZÁGARI, Mário L. R. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderi A. (Org.) *A Geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998. p. 31-54.

## **Ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na cidade de Ouro Preto**

Joela Co  
Mariana Mendes da Silva  
Nathalia Carolina Terayama

### **Resumo**

Neste trabalho, analisamos a variação ausência/presença do artigo definido diante de antropônimos. Para realizar a pesquisa, foram feitas gravações de entrevistas com informantes jovens da cidade de Ouro Preto. Esta pesquisa foi realizada sob a ótica da Sociolinguística Variacionista. Consideramos os resultados obtidos em trabalhos realizados anteriormente com o mesmo objeto de estudo, a fim de confirmarmos a hipótese da predominância da ausência do artigo na cidade em questão. Ao final da análise, observamos certo equilíbrio entre as ocorrências de presença e ausência do artigo diante dos antropônimos, com alguma preferência pela ausência.

### **Palavras-chave**

Antroponímia; artigo definido; nomes próprios.

## Introdução

O objeto de estudo desta pesquisa é a variação ausência/presença do artigo definido diante de antropônimos (nomes próprios de pessoa) na fala de informantes jovens de Ouro Preto, a partir da gravação de entrevistas orais realizadas com esses informantes.

A cidade analisada, Ouro Preto, está localizada na Serra do Espinhaço, Zona Metalúrgica de Minas Gerais (Quadrilátero Ferrífero), a 96km de distância da capital, Belo Horizonte. Segundo dados do IBGE (2010), a população da cidade é de 69.598 habitantes. Trata-se de uma cidade histórica, de mais de 300 anos. Foi cenário de importantes eventos históricos como a Guerra dos Emboabas e a Inconfidência Mineira, além de ter sido uma importante rota do Ciclo do Ouro. Em 1980, o Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO declarou a cidade como Patrimônio Cultural da Humanidade. Além do turismo, a economia da cidade é fortalecida pelas grandes indústrias mineradoras e metalúrgicas e ainda possui uma universidade federal, a UFOP, o que a torna um grande centro acadêmico.

A escolha pelo nosso objeto de estudo foi motivada pelo fato de observarmos a ausência do artigo definido diante de nomes de pessoas nas falas de amigos ou parentes de outras cidades. É muito comum escutarmos expressões como “Vou pra casa *de Maria*” ou “Ele viajou com *Julia*”, por exemplo. Essas observações, contrastando com o uso do artigo definido, facilmente identificado na fala dos belo-horizontinos, no caso, “Vou pra casa *da Maria*” ou “Ele viajou com *a Julia*”, despertaram o nosso interesse em pesquisar o assunto. Além disso, a família materna da autora Mariana reside na cidade de Ouro Preto e o contato da mesma com os seus familiares facilitaria na fluidez e na naturalidade das entrevistas realizadas, um fator determinante para a escolha do assunto.

A variação em estudo foi observada durante as três entrevistas realizadas. Nos exemplos a seguir, retirados das entrevistas, observa-se tal variação.

(1) ...eu tenho mais contato com *a Gracinha*...;

(2) ...deixa eu ver se eu conheço mais alguém... hum... tem *Délio* também... todo mundo gosta dele...

No exemplo (1), tem-se a presença do artigo definido diante do nome próprio, já no exemplo (2) ocorre a ausência.

O objetivo inicial da pesquisa era analisar tal variação sintática buscando identificar fatores que a determinassem e observar se a variante relativa à ausência do artigo pode estar desaparecendo na fala dos jovens ouro-pretanos. Por esse motivo, a faixa etária dos nossos informantes foi de 18 a 25 anos. Das três entrevistas, duas foram realizadas em Ouro Preto e uma em Belo Horizonte. Os informantes falaram sobre a cidade, suas festas e pessoas conhecidas e sobre gostos e experiências pessoais. O grau de cooperação dos informantes foi variado, assim como a qualidade das gravações, que dependeu das condições do local e dos recursos disponíveis.

Como base para a pesquisa, utilizamos as definições de artigo definido e Antroponímia de Mendes e nos apoiamos em Amaral como auxílio para a coleta de dados e orientação quanto a aspectos teóricos da Sociolinguística. Além disso, os resultados dos trabalhos serviram como base de comparação dos dados.

Em seguida, apresentamos detalhadamente a nossa base teórica, a metodologia utilizada na pesquisa e a análise dos resultados obtidos.

## Aspectos teórico-metodológicos

Para analisarmos o nosso objeto de estudo, inicialmente nos guiamos pelas definições de artigo definido e Antroponímia feitas por Mendes. A autora afirma que o artigo definido é

*uma categoria morfológica encontrada nos idiomas românicos que não existia no latim clássico. [Os artigos] são determinantes do substantivo; junto a ele, os artigos formam um grupo nominal – SN; devido a esse fato, alguns estudiosos consideram o artigo definido como expressão de uma categoria do nome – a categoria da determinação.<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> MENDES. A ausência/presença de artigo definido diante de nomes próprios na zona rural das cidades de Matipó e Abre Campo, p. 104.

Sobre a Antroponímia, Mendes diz que esta “é uma das áreas de estudo da Onomástica que tem como objeto de estudo o antropônimo – nomes próprios individuais, nomes parentais ou sobrenomes e alcunhas ou apelidos”.<sup>2</sup>

A variação em questão já foi analisada em alguns trabalhos anteriores sob diferentes perspectivas. Para realizarmos nossa pesquisa, utilizamos a abordagem sociolinguística. Para isso, nos apoiamos, principalmente, em Amaral, que, além de nos orientar quanto aos aspectos teóricos, auxiliou na realização das entrevistas, já que descreve o procedimento utilizado nas entrevistas realizadas nas três cidades pesquisadas pelo autor (Campanha, Minas Novas e Paracatu).

Como conclusão de seu trabalho, Amaral mostrou que em Minas Novas e Paracatu o fator “idade” destacou-se, já que foi observado que “a presença do artigo era favorecida pelos informantes mais jovens e a ausência, pelos mais velhos.”<sup>3</sup> Acreditamos que esse mesmo fenômeno possa estar ocorrendo em Ouro Preto também, já que a diferença dos resultados entre ausência e presença foi muito pequena, como será analisado posteriormente neste artigo.

Nesta pesquisa, foram considerados os fatores idade e grau de intimidade do informante e a pessoa citada, já que estes são fatores que podem influenciar a variável em questão. Por isso, foram entrevistados três informantes da faixa etária de 18 a 25 anos, naturais de Ouro Preto. Foi importante que os informantes possuíssem a mesma faixa, pois assim seria possível seguir um padrão, uma vez que a idade pode influenciar no modo de falar e/ou nas expressões utilizadas.

Duas das três entrevistas foram feitas em Ouro Preto. A outra foi coletada em Belo Horizonte pelo fato de a informante ter se mudado recentemente para a cidade. Todos os informantes – como mencionado anteriormente – são naturais de Ouro Preto e seus pais e avós também são da cidade. Dessa forma, a primeira influência linguística que os informantes possuem basicamente é a do falar de

<sup>2</sup> MENDES. A ausência/presença de artigo definido diante de nomes próprios na zona rural das cidades de Matipó e Abre Campo, p. 106.

<sup>3</sup> AMARAL. A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu, p. 131.

Ouro Preto, em que, de acordo com nossa hipótese inicial, predomina a ausência do artigo diante de nomes próprios.

Para a coleta dos dados, foi usado o programa simples de gravação do celular para duas das entrevistas e o programa Audacity em uma delas. Para a edição de áudio, foi utilizado o mesmo programa, o qual foi de suma importância para o tratamento dos dados, facilitando a compreensão do que foi dito pelos informantes.

### Análise dos dados

Houve 95 ocorrências válidas de antropônimos nas entrevistas, sendo que o artigo ocorreu 42 vezes e houve 53 casos de ausência de artigo. Os dados foram agrupados na tabela abaixo:

**Tabela 1: Distribuição das variantes no corpus de Ouro Preto**

	Número de ocorrências	Porcentagem
Ausência	53	44%
Presença	42	56%
Total	95	100%

Doze casos específicos de antropônimos foram desconsiderados na análise. Estes foram agrupados em:

a) casos de antropônimos utilizados para outros tipos de identificação.

(3) tem carnaval... que tem conhecido o *Zé Perera*;

(4) ...fizerum até *funk da Ninica*;

(5) *Jorge e Matheus... Paula Fernandes... Fernando e Sorocaba*.

No exemplo (3), *Zé Pereira* é um tradicional bloco de carnaval da cidade. Na fala da informante, o uso do artigo seria uma determinação de bloco. No exemplo (4), a expressão possui uma carga semântica que permite interpretar que *funk da Ninica* seja considerada o nome da música e não uma referência à personagem especificamente. No caso (5), trata-se de nomes de duplas sertanejas, logo, os dois nomes juntos formam um bloco de sentido completo, como um nome único.

b) casos de nomeação, em que a referência é feita ao nome, não ao indivíduo:

(6) ...porque é só gritar ele... *Angu* que ele... o apelido dele é *Angu* mas ele detesta que chama ele de *Angu* né?

(7) ...ela chama *Bruna*

e) casos de antropônimos precedidos de demonstrativo:

(8) ...mas *essa Bruna*... toda vez que eu converso com ela...

A partir da análise das ocorrências válidas, foi possível perceber que há uma relação entre o grau de intimidade/afetividade e a ausência/presença de artigos diante de antropônimos. Ainda que não seja fator determinante em todos os casos, é possível observar a relação. Isto fica claro nos exemplos (9) e (10).

(9) ...*Ninica* saudosa... *Ninica* morreu há um tempo atrás aí... nossa... ela era uma negra... mas negra mesmo...

(10) e... super engraçada... galera mó mexia com ela e todo mundo gostava dela pra caramba... e num sei o que... e *Angu* é super homenageado...

Nesses exemplos, percebe-se que ainda que os antropônimos citados pela informante não sejam de familiares, há um certo nível de afetividade em seu comentário. Os nomes citados são de pessoas conhecidas pelos cidadãos de Ouro Preto, personalidades, andarilhos muito queridos e homenageados em eventos da cidade como em blocos de carnaval e concertos de música clássica.

Essa afetividade não é perceptível, por exemplo, no seguinte caso:

(11) olha... show... o melhor que eu já vi foi *do Lenine*... *do Lenine* foi excelente...

O antropônimo citado neste exemplo é de um cantor famoso, sendo assim há a presença do artigo definido, pois, ainda que haja um certo grau de afetividade, não há intimidade, ao contrário dos exemplos (9) e (10).

A respeito desta relação entre intimidade/proximidade, dividimos as ocorrências conforme as tabelas a seguir:

**Tabela 2: Relação entre intimidade/proximidade nas ocorrências de ausência do artigo**

COM Intimidade/Proximidade	SEM Intimidade/Proximidade	TOTAL
40	13	53

A partir dos dados, é possível observar que as ocorrências de ausência de artigo diante de antropônimos são favorecidas em situações que se refiram a pessoas com as quais o locutor tenha mais intimidade/proximidade. Isso pode ser corroborado a partir da tabela a seguir:

**Tabela 3: Relação entre intimidade/proximidade nas ocorrências de presença do artigo**

COM Intimidade/Proximidade	SEM Intimidade/Proximidade	TOTAL
27	15	42

Ainda que a diferença no total de ocorrências seja relativamente pequena, os dados de ausência de artigo com nível maior de intimidade/proximidade possuem uma diferença significativa. Pode-se observar que das 53 ocorrências de ausência, quarenta se referem a pessoas que o entrevistado possuía mais intimidade, sendo somente treze sem o artigo. Esses dados corroboram a hipótese de que a proximidade favorece a ausência de artigo.

Observamos que a diferença entre a presença e a ausência do artigo foi muito pequena, prevalecendo a ausência – conforme esperado – com apenas onze ocorrências a mais. Não esperávamos uma diferença tão mínima entre as duas variantes, acreditávamos que a ausência ocorreria com uma frequência bem maior que a presença. Logo, podemos supor que a variante ausência possa estar desaparecendo da fala dos ouro-pretanos ao longo do tempo. Essa possibilidade pode estar relacionada ao fato de se tratar de uma cidade histórica e universitária, que recebe muitos turistas e estudantes de diversas partes do país.

Outra hipótese para essa questão seria o fator “idade”. Pode ser que, assim como concluiu Amaral, na fala dos jovens estaria

predominando a presença do artigo. No entanto, seria necessária uma pesquisa mais profunda sobre o assunto, com um maior número de informantes de diferentes faixas etárias, para que seja possível ter uma confirmação dessa hipótese.

### Considerações finais

Neste artigo, foi exposto um recorte de um fenômeno linguístico variável na cidade de Ouro Preto. Analisamos a ausência/presença de artigos definidos diante de antropônimos na fala espontânea de informantes ouro-pretanos coletada através de entrevistas gravadas.

Foi possível perceber que, ainda que os dados tenham sido equilibrados, há uma ocorrência ligeiramente maior de frases construídas sem a presença do artigo definido. Percebemos também que nas entrevistas que há uma relação entre o grau de intimidade/afetividade e a ausência/presença de artigos diante de antropônimos, ainda que não seja fator determinante em todos os casos.

O fato de haver mais ocorrências de ausência de artigo era esperado. No entanto, no nosso *corpus* foi perceptível que os jovens estão usando o artigo com mais frequência. Isso pode ser explicado pelo fato de esses indivíduos terem tido contato a maior parte de suas vidas com pessoas de gerações anteriores – pais e avós –, as quais utilizavam a forma sem artigo. Pode ser que, a longo prazo, a influência da presença de artigo seja maior, mas isso não pode ser afirmado pois, para isso, outros fatores extralinguísticos devem ser levados em consideração.

### Referências

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

MENDES, Andréia Almeida. *A ausência/presença de artigo definido diante de nomes próprios na zona rural das cidades de Matipó e Abre Campo - MG*. In: DOGLIANI, Evelyne; COHEN, Maria Antonieta A. M. (Org.). *Pelas trilhas de Minas: a língua nas Gerais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.

PREFEITURA DE OURO PRETO. *A cidade*. Disponível em: <<http://www.ouropreto.mg.gov.br/acidade>>. Acesso em: 29 maio 2012.

## A redução do gerúndio em três cidades mineiras: Belo Horizonte, Nova Lima e Santa Luzia

Cristiane Silva Freitas  
Isabela Gomes Figueiredo  
Julianna Carvalho Bechir

### Resumo

Minas Gerais apresenta certas particularidades linguísticas que caracterizam os falantes da região. Dentre as muitas especificidades, pode-se destacar a redução da forma de gerúndio dos verbos (*falando* > *falano*). O fenômeno em destaque ainda não tem sido muito estudado, mas a revisão de alguns trabalhos (SILVA, 1996; FERREIRA e TENANI, 2009) apontam possíveis explicações para a ocorrência do fenômeno. O corpus de análise constitui-se de entrevistas realizadas com falantes de Belo Horizonte, Nova Lima e Santa Luzia, referentes à vida pessoal destes. Com a análise, constatamos que a forma reduzida do gerúndio tem sido frequentemente utilizada pelos falantes. Além disso, observou-se que a forma plena e a reduzida do mesmo verbo podem coexistir no vocabulário do falante.

### Palavras-chave

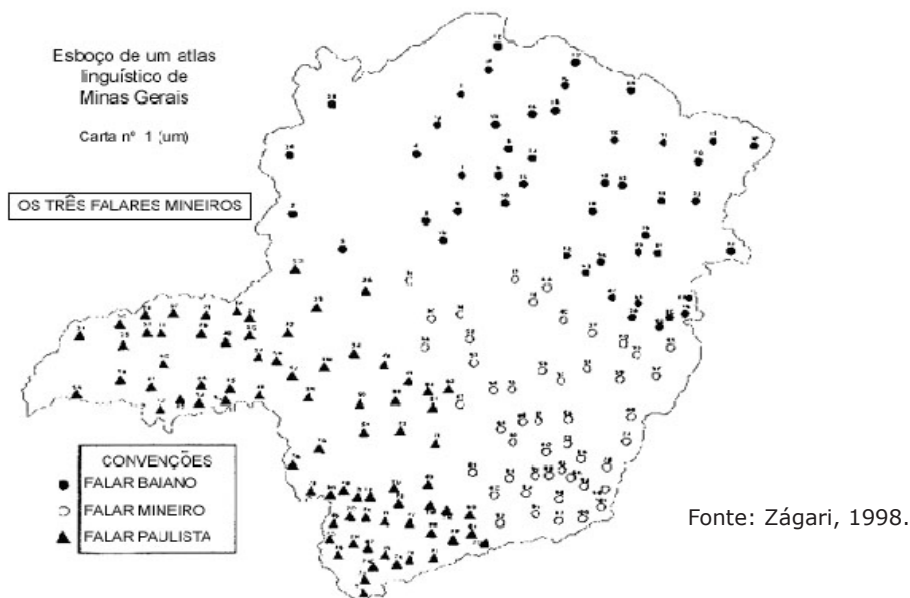
Falares mineiros; gerúndio; verbos.

## Introdução

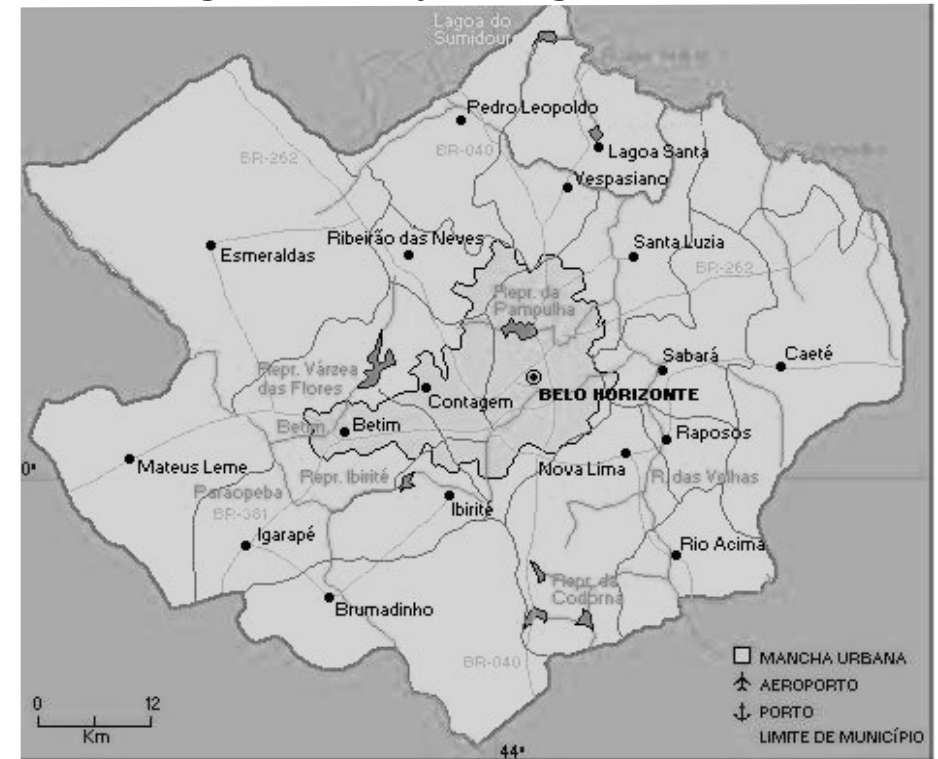
O presente trabalho tem como objetivo a análise da forma *-ndo*, morfema de gerúndio, no português de Minas Gerais, mais especificamente em Belo Horizonte, Nova Lima e Santa Luzia. A capital mineira, Belo Horizonte, foi fundada em 1897 e, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, abrigava cerca de 2.375.151 habitantes até 2010. Já Nova Lima e Santa Luzia são dois municípios localizados na região metropolitana da capital. O primeiro, fundado em 1891, conta com cerca de 80.998 habitantes; enquanto o segundo, fundado em 1692, acolhe aproximadamente 202.942 residentes.

As regiões linguísticas do estado de Minas Gerais, segundo Zágari, podem ser divididas em três falares (Figura 1): o falar baiano, o paulista e o mineiro. Essas localidades apresentam suas particularidades linguísticas e, de acordo com o autor, as três cidades em destaque enquadram-se no falar propriamente mineiro (Figura 2). Sabe-se, porém, que a demarcação dessas fronteiras não se trata de algo definitivo.

**Figura 1: Localização dos três falares mineiros**



**Figura 2: Localização das regiões em análise**



Fonte: TJMG.

O contato com os falantes no dia a dia permite-nos observar que, até mesmo em uma mesma região, estão presentes algumas “variantes linguísticas”. Tarallo afirma que essas podem ser definidas como maneiras distintas de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade.

No caso do falar mineiro<sup>1</sup>, foi possível observar uma variação na realização da forma de gerúndio<sup>2</sup> dos verbos. Em alguns casos, a forma em destaque apresenta-se em sua totalidade (*-ndo*), mas muitas vezes o morfema de gerúndio sofre redução (*-no*). Como

<sup>1</sup> O falar mineiro, como dito, abrange diversas regiões do estado, porém neste trabalho nos concentramos nas três cidades em destaque: Belo Horizonte, Nova Lima e Santa Luzia.

<sup>2</sup> Segundo Cunha e Cintra o gerúndio apresenta o processo verbal em curso e desempenha funções exercidas pelo advérbio ou pelo adjetivo.



exemplo, tem-se a mudança de *andando* para *anda[nu]*, ou de *correndo* para *corre[nu]*. Nota-se, porém, que o uso de uma sobre a outra não compromete o sentido do verbo.

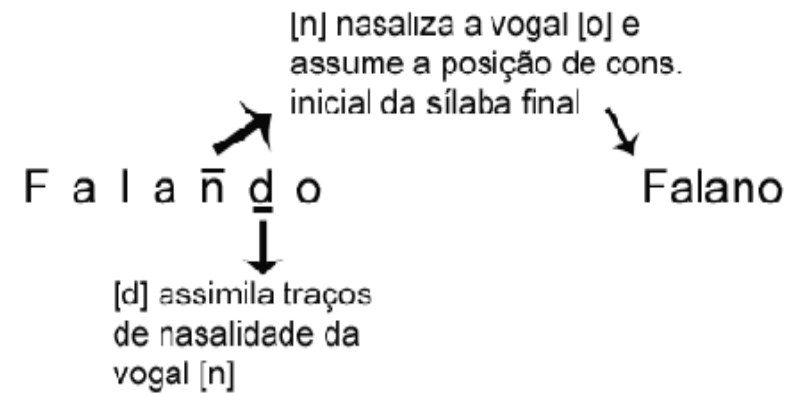
Tendo isso em mente, buscaram-se confirmar a existência de ambas as formas – reduzida e não reduzida –, apontar uma possível justificativa para a existência do fenômeno, além de verificar se o alto nível de escolaridade influencia no uso de uma sobre a outra.

### Fundamentação teórica

Através da leitura de textos referentes a fenômenos linguísticos recorrentes no estado, como “O falar mineiro”, de Teixeira, e *Esboço de um Atlas Linguísticos de Minas Gerais*, de Ribeiro, não foi possível localizar informações sobre a redução do gerúndio, fato que levanta a hipótese de que a análise em destaque não tem sido objeto de estudo frequente em Minas.<sup>3</sup>

Em contrapartida, nota-se que trabalhos sobre o mesmo tema já foram realizados em outras regiões. Ferreira e Tenani analisaram essa redução presente na fala dos moradores da região de São José do Rio Preto/SP. Nessa pesquisa, as autoras abordaram a redução da forma *-ndo* sob a luz da fonologia lexical, interação entre a morfologia e a fonologia. Inicialmente, elas se referem à forma *-ndo* em geral, como gerúndio ou não. Logo adiante afirmam que somente o gerúndio sofre redução.

Silva analisa brevemente o mesmo fenômeno em relação à fala belo-horizontina. Tomando como exemplo o verbo *falar* no gerúndio (*falando*), a autora afirma que a consoante *d* assimila os traços da consoante nasal *n* e esta, além de cumprir o papel de nasalizar a vogal precedente, também ocupa a posição de consoante inicial da sílaba final, conforme o exemplo:



Fonte: Adaptado de Silva

Porém, como antes observado por Ferreira e Tenani, o mesmo não pode ser observado em outras palavras com a mesma terminação, como em *lindo* – *\*linu*, ou na forma do presente do verbo *mandar* em *mando* – *\*manu*. Nestes casos, como a consoante nasal *n* encontra-se na raiz da palavra e não no morfema flexional, a redução não acontece. Caso isso acontecesse, a estrutura da palavra sofreria alterações. Tendo isto em mente, pode-se afirmar que o processo de redução aplica-se apenas aos verbos, quando *-ndo* está na forma de gerúndio, como em *fala[nu]* ou *manda[nu]*.

Em um estudo sobre o apagamento da sílaba final de algumas palavras em Itaúna/MG, Oliveira faz algumas observações sobre a redução do gerúndio. O autor destaca que a ausência da consoante *d* (*manda[ndo]* – *manda[nu]*) não é o último estágio deste processo, visto que já é possível observar casos em que a vogal final não é pronunciada, como no exemplo abaixo:

(2) [kã'tãnu] ~ [kã'tãn] ~ [kã'tã]

Este fato, porém, não será levado em consideração neste trabalho, pois não foram encontrados registros.

Fatores extralinguísticos podem influenciar a utilização de uma forma ou outra. Em um trabalho sobre o dialeto carioca, Mollica observou que os falantes entre 16 e 25 anos de idade tendem a utilizar a forma em sua totalidade (*-ndo*). Em contrapartida, Naro afirma

<sup>3</sup> Esta afirmação é feita com base nos textos lidos.

que “falantes mais velhos costumam preservar mais as formas antigas, o que pode acontecer também com pessoas mais escolarizadas, ou das camadas da população que gozam de maior prestígio social”. Através da análise dos *corpora* em destaque, será possível encontrar indícios para comprovar ou refutar tais afirmativas.

## Metodologia

Seguindo a sistematização da variação apresentada por Tarallo, foi realizado um levantamento de dados da língua falada, a descrição e quantificação das variantes encontradas, além da análise dos possíveis fatores – linguísticos e não linguísticos – que favorecem o uso de uma sobre a outra. Foi utilizado o método da entrevista sociolinguística que, segundo o autor, visa à coleta de narrativas de experiências pessoais: “Os estudos narrativos de experiência pessoal têm demonstrado que, ao relatá-las, o informante está tão envolvido emocionalmente com o *que* relata que presta o mínimo de atenção ao *como*”.<sup>4</sup>

Embasando-se neste modelo, foram coletadas entrevistas de três falantes distintos que, apesar de terem nascido em Belo Horizonte, sempre viveram nas cidades em que residem atualmente – uma em BH, uma em Nova Lima e outra em Santa Luzia. Os falantes entrevistados possuem alto nível de escolaridade – ensino superior completo ou em curso – visto que o foco da análise é comprovar a existência da variante (forma reduzida) independente do grau de escolaridade. Além disso, possuem idade entre 19 e 26 anos.

Sabe-se, porém, que, devido ao pequeno número de dados coletados, não será possível generalizar os resultados sobre a redução. Portanto, estudos mais amplos deverão ser realizados a fim de comprovar essa hipótese de forma mais concreta.

## Análise dos dados

O gerúndio é uma das formas nominiais do verbo utilizada para indicar um processo verbal ainda não finalizado e com determinada

duração. A forma também pode expressar simultaneidade, repetição e progressão. Nestes casos, geralmente vem acompanhada de outro verbo, como em (3):

(3) ...ficava *conversando* com elas...

O gerúndio é formado pela junção do radical do verbo com a vogal temática da sua conjugação, mais a desinência *-ndo*. Nos *corpora* analisados, foi encontrado um grande número de verbos no gerúndio, nos quais a desinência é apresentada na forma reduzida (*-no*). Vejam-se os exemplos a seguir:

(4) ...tinham pessoas me *esperan[d]o* lá

(5) ...tô *fazen[d]o* a pós né?

(6) ...ocê fica *fugin[d]o* dele...

Nas entrevistas, foram encontradas 72 ocorrências de verbos no gerúndio,<sup>5</sup> envolvendo a forma reduzida e a não reduzida. A tabela abaixo contém uma análise quantitativa dos dados:

**Tabela 1: Análise quantitativa dos dados analisados**

Verbos no gerúndio	Nº. de ocorrências	%
Forma reduzida	62	86
Forma não reduzida	10	14
<i>Total</i>	72	100

A análise das ocorrências permitiu-nos observar que ambas as formas – reduzida e não reduzida –, coexistem no vocabulário dos falantes, pois há casos em que o mesmo falante utiliza as duas formas para o mesmo verbo, como nos exemplos (7), (8) e (9).

(7) ...eu tô *chorando* aqui...

...eu to *chorano* aqui é aquelas lágrimas que eu não chorei lá.

(8) ...tô *fazeno* a pós né?

... tava *fazendo* um curso lá.

(9) ...ficava *conversando* com elas...

...eu tava *conversano*...

<sup>5</sup> A soma inclui a repetição de verbos, pois esses dados podem ser importantes para a análise da variação em um mesmo verbo.

Foi possível notar que a forma plena (-ndo) ocorrerá, principalmente, quando o falante tiver a intenção de destacar o verbo por algum motivo,<sup>6</sup> como em (10) e (11).

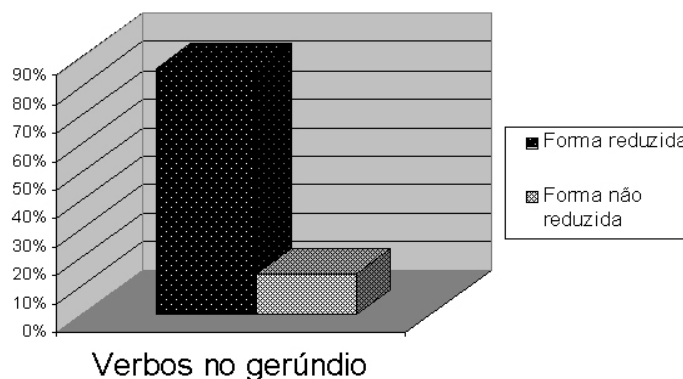
(10) ...a pessoa ligou muito nervosa... *xingando*...

(11) *Dependendo* na companhia de que eu estiver eu fico um pouco mais tímida

Quando o foco é dado ao verbo, ele tende a prestar mais atenção a ele, conseqüentemente, à forma como é pronunciado. Com isso, a utilização da forma reduzida é desfavorecida. É interessante observar que a ocorrência da forma reduzida independe de vir ou não precedida de um verbo auxiliar, pois ela também ocorre no início da frase, como em (11), ou não acompanhada de um verbo auxiliar, como em (10).

Na análise, contatamos três informantes de alto nível de escolaridade (ensino superior completo ou em curso), moradores das três regiões em destaque – Belo Horizonte, Nova Lima e Santa Luzia –, e com idade entre 19 e 36 anos. Ao contrário do que foi observado por alguns pesquisadores em relação a outras localidades, que afirmaram ser a forma plena a mais comum entre essa faixa etária, foi possível perceber um grande número de ocorrências da forma reduzida (86%), como mostra o gráfico a seguir:

**Gráfico 1: Análise quantitativa das ocorrências**



<sup>6</sup> Não se pode afirmar que essa sempre será a motivação da utilização da forma plena, mas através dos dados constatamos que as vezes em que essa utilização ocorreu foi quando o falante tendia a enfatizar o verbo por algum motivo.

Desse modo, foi possível perceber que, nos dados analisados, a utilização da forma reduzida é superior à forma plena, o que pode indicar que o uso desse "morfema reduzido" não é algo estigmatizado no dialeto mineiro. Em um processo de gramaticalização, por exemplo, um item pode desaparecer cedendo espaço para sua forma gramaticalizada, ou ambos podem coexistir. No caso dessa variação na forma do gerúndio, a grande frequência da redução pode indicar que esta tenha assumido a forma de morfema indicador de gerúndio, mas apesar disso a forma plena continua sendo observada.

### Considerações finais

Analisando os dados coletados, vimos que há relevante superioridade da ocorrência da redução (*fala[no]*) em relação à realização do gerúndio pleno (*fala[ndo]*).

Com relação às entrevistas realizadas, verificamos que, mesmo com alta escolaridade, as informantes fizeram uso constante da variante reduzida. Isso contesta em parte a hipótese de que a redução seria uma característica de classes menos escolarizadas.

Mesmo sendo muito observado na fala mineira, não encontramos muitos trabalhos sobre o tema. Esperamos, com esse estudo, levantar algumas hipóteses a serem exploradas com mais afinco posteriormente.

Como se trata de um estudo introdutório, algumas lacunas podem ser objeto de estudo para eventuais trabalhos, como a observação desse fenômeno em outras regiões de Minas com falares distintos e a coleta de dados com pessoas de outras escolaridades e de outras classes sociais.

### Referências

FERREIRA, Jesuelem S.; TENANI, Luciani. A redução do gerúndio à luz da Fonologia Lexical. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 59-68, jan.-abr. 2009. Disponível em: <[http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL\\_V38N1\\_05.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N1_05.pdf)>. Acesso em: 02 abr. 2012.

MOLLICA, Maria Cecília M. Um padrão etário recorrente em fenômenos de variação fonológica. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 17., 1989. *Anais...* São Paulo: [s.n.], 1989. p. 513-520.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília M.; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 43-50.

OLIVEIRA, Alan Jardel de. 'Comendo o final das palavras': análise variacionista da haplogogia, elisão e apócope em Itaúna/MG. Orientadora: Maria do Carmo Viegas. 2012. 297f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

RIBEIRO, José *et al.* *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Juiz de Fora: Fundação Casa Rui Barbosa/UFJF, 1977. v. 1.

SILVA, Thais Cristóforo. Fonologia: por uma análise integrada à morfologia e sintaxe. In: SEMANA DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2., 1994, Belo Horizonte. *II semana de estudos de Língua Portuguesa anais*. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 1996. p. 56-65. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/2semanav2-site.pdf>>. Acesso em: 7 abr 2012.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TEIXEIRA, José de Aparecida. O falar mineiro. *Revista do Arquivo Público Municipal*, v. XLV, São Paulo, 1938, p. 5-100.

ZÁGARI, Mário R. L. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci A. (Org.). *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998. p. 31-54.

## **Apócope na forma diminutiva: ocorrência desse fenômeno no português belo-horizontino**

Camila Constanza Alarcon Quiroga  
Nilce Danielle Camarinho  
Noara Cardoso Lacerda

### **Resumo**

O objetivo deste trabalho é verificar a ocorrência do fenômeno apócope da forma diminutiva, observando a língua oral de três falantes belo-horizontinos. A apócope é definida como uma das quatro espécies de metaplasmos (modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução), considerada também como a queda de fonema no fim do vocábulo, segundo Silva e Rodrigues. A classificação das ocorrências de tal fenômeno foi realizada com base nas definições de Gonçalves (2007, p. 160), que apresenta quatro cargas emocionais expressas pelo sufixo *-nho*, sendo *dimensão*, *apreço*, *desapreço* e *afeto*. A análise das ocorrências e suas classificações revelam que a presença do fenômeno apócope na forma diminutiva acontece com frequência na língua oral, ocorrendo mais com o objetivo de expressar *dimensão*.

### **Palavras-chave**

Apócope; diminutivo; falares mineiros.

## Introdução

Um nome – substantivo ou adjetivo – pode apresentar-se “com a sua significação atenuada, ou valorizada afetivamente (grau diminutivo)”, segundo Cunha e Cintra.<sup>1</sup> O *Dicionário Aurélio* online, além de apresentar uma definição de diminutivo como “o grau que diminui ou atenua as proporções normais do substantivo”, podendo este ser indicado por um adjetivo apropriado (como pequeno, minúsculo), apresenta também a indicação do diminutivo “por meio de sufixos especiais”, (como *-inho*, *-zinho*, *-zito*, *-ote*, *-ulo*), informando que, “com frequência, o diminutivo envolve conotação afetiva: paizinho, amorzinho”.<sup>2</sup>

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a ocorrência de apócope na forma diminutiva. Definida como uma das quatro espécies de metaplasmos (modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução), a apócope é a queda de fonema no fim do vocábulo, segundo Silva e Rodrigues. Martins, na sua obra *Introdução à estilística*, apresenta exemplos de apócope na forma diminutiva com final *-im*, em palavras como *riachim* e *passarim*, também definindo o fenômeno como palavras em que há supressão de sons finais.<sup>3</sup> Giudice, em uma reportagem publicada no Jornal *O Tempo* sobre o falar em Belo Horizonte, cita Angélica Appelt, carioca, que disse não entender nada quando chegou em Minas Gerais: “Às vezes me chamavam: ‘vamo ali tomar um cafezim’, e eu dizia ‘vamos ali o quê?’”. Sendo assim, com o objetivo de verificar a ocorrência de apócope na forma diminutiva, foram entrevistadas três pessoas, naturais de Belo Horizonte ou residentes na cidade por, no mínimo, 20 anos. As entrevistas foram conduzidas por meio de conversas informais e espontâneas, abordando assuntos do cotidiano e acontecimentos da vida dos entrevistados, em uma tentativa de obter na fala a ocorrência do fenômeno estudado.

## Aspectos teórico-metodológicos

“Em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim

como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico”.<sup>4</sup> O falar mineiro possui características que são simples de serem percebidas, como o ritmo de fala e o aspecto fonético, características que, de acordo com Moura e Ramos, tornam possível a identificação de um indivíduo como mineiro a partir da sua fala.<sup>5</sup>

Foram encontrados poucos artigos e trabalhos que mencionam o fenômeno apócope. Teixeira, em seu texto sobre o falar mineiro, cita brevemente a apócope na segunda parte da seção de Metaplasmos, intitulada *Perda*, cuja definição se dá como o desaparecimento dos fonemas fracos.<sup>6</sup> Ramos, em seu texto sobre o projeto *Mineirês*, cita o fenômeno como o apagamento da sílaba átona final em uma lista de tópicos investigados em seu projeto.<sup>7</sup> Nessa lista, encontram-se 14 tópicos linguísticos, com exemplos de fenômenos do *mineirês*, definido como “algo que seria um ‘estranho idioma’ falado apenas por mineiros”.<sup>8</sup> Ambos os autores exemplificam o fenômeno com substantivos e adjetivos no diminutivo, tais como: *vizim*, *padrim*<sup>9</sup> e *negocin(ho)*, *pequenin(inho)*.<sup>10</sup>

O uso de expressões no diminutivo dentro do falar mineiro pode estar relacionado com diversos fatores usuais e, muitas vezes, não está em questão o real tamanho do objeto.

*O diminutivo pode exprimir, de um lado, a apreciação, o carinho, a delicadeza, a ternura, a humildade, a cortesia, e, de outro, a depreciação, o desdém, a irritação, a ironia, a gozação, a hipocrisia. Está na fala de todos, cultos ou ignorantes, e só não aparece com tom afetivo nos textos escritos que têm por meta a objetividade (...) em muitos casos de diminutivo erudito, mesmo a idéia de pequenez passa despercebida.*<sup>11</sup>

<sup>4</sup> SILVA; RODRIGUES. *Metaplasmos*: a diferença entre a fala e a escrita, p.

<sup>5</sup> MOURA; RAMOS. *Uma bibliografia comentada sobre a língua portuguesa em Minas Gerais*, p. 8.

<sup>6</sup> TEIXEIRA. O falar mineiro, p. 29.

<sup>7</sup> RAMOS. A importância do projeto Mineirês para a descrição e análise da diversidade linguística de Minas Gerais, p. 27.

<sup>8</sup> RAMOS. A importância do projeto Mineirês para a descrição e análise da diversidade linguística de Minas Gerais, p. 27.

<sup>9</sup> TEIXEIRA. O falar mineiro, p. 29.

<sup>10</sup> RAMOS. A importância do projeto Mineirês para a descrição e análise da diversidade linguística de Minas Gerais, p. 27.

<sup>11</sup> MARTINS. *Introdução à estilística*: a expressividade na língua portuguesa, p. 146.

Segundo Gonçalves, *-inho* é um sufixo que veicula uma “carga emocional variada, emprestando à mensagem maior força comunicativa”, podendo expressar *dimensão* (“Como a flor era bem pequena, coloquei-a num vasinho para que ela sobressaísse”); *apreço* (“Comprei um carrinho excepcional. Além de bonito, ele corre à beça”); *desapreço* (“O R. é um tipinho insuportável”) e *afeto* (“Filhinho, vê se come logo a comidinha”).<sup>12</sup>

Partindo das definições expostas, pode-se afirmar que o uso dos sufixos diminutivos tem como objetivo exprimir de forma espontânea e impulsiva o que se sente, comove ou impressiona. Sendo assim, “se encontra no sufixo diminutivo um meio estilístico que elide a objetividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, mas às vezes, mais vaga.”<sup>13</sup>

A ocorrência do fenômeno apócope, em sua forma diminutiva, foi analisada em entrevistas orais gravadas e transcritas, realizadas com falantes de Belo Horizonte. Os fatores levados em consideração para escolha dos informantes foram:

- residentes em Belo Horizonte por, no mínimo, 20 anos e que não tivessem viajado muito;
- sexo feminino;
- faixas etárias diferentes, sendo uma informante de 23 anos, uma informante de 35 anos e uma informante de 56 anos;
- escolaridade: uma informante com 1º grau incompleto, uma informante com curso superior em curso e uma informante com curso superior completo.

### Análise dos dados

O objetivo da pesquisa foi verificar a ocorrência do fenômeno apócope na forma diminutiva na fala de três belo-horizontinas. Nas entrevistas realizadas, houve a ocorrência de diminutivos, tanto apocopados quanto plenos, conforme a Tabela 1 abaixo:

**Tabela 1: Quantidade total de dados no diminutivo**

Total de diminutivos plenos	20 dados
Total de diminutivos apocopados	8 dados
<b>Total</b>	29 dados

Entre os diminutivos plenos, é possível verificar tanto palavras do gênero masculino (seis dados) quanto do gênero feminino (doze dados). Ainda pode-se observar a ocorrência de dois dados pertencentes à classe de advérbios, a qual não possui marcação de gênero, conforme apresentados na Tabela 2:

**Tabela 2: Diminutivos plenos**

Classe	Quantidade	Dados
Substantivo masculino	6	bichinhos desenhinho direitinho fininho peixinho pequeninho
Substantivo feminino	12	amiguinha arrumadinha bolinha direitinha grossinhas paradinha
Advérbio	2	pertinho pouquinho

A ocorrência de apócope totalizou oito dados diferentes (*barquim* e *pequeninim* foram usados duas vezes, totalizando dez ocorrências), que podem ser distribuídos entre três classes de palavras, sendo substantivos, adjetivos e advérbios, conforme o quadro a seguir.

<sup>12</sup> GONÇALVES. Flexão e derivação: o grau, p. 160.

<sup>13</sup> SKORGE citada por CUNHA; CINTRA. *Nova gramática do português contemporâneo*, p. 212.

**Quadro 1: Ocorrências do fenômeno apócope conforme a classe gramatical**

Palavra		Classe
1	barquim (duas vezes)	substantivo
2	cursim	substantivo
3	meninim	substantivo
4	ovim	substantivo
5	pequeninim (duas vezes)	adjetivo
6	pertim	advérbio
7	poquim	advérbio
8	quartim	substantivo

Como é possível observar no Quadro 1, a classe de palavras que apresenta maior ocorrência de apócope é a dos substantivos, com 60%. Os advérbios e adjetivos representam uma pequena parcela, sendo 20% cada. Embora Teixeira e Ramos restrinjam essa ocorrência somente aos substantivos e adjetivos, a partir dessa primeira análise é possível perceber a ocorrência, também, na classe dos advérbios, a qual apresentou duas ocorrências.

Como característica do fenômeno pesquisado, é importante destacar que todas as palavras apocopadas analisadas, pertencentes às classes dos substantivos e adjetivos, pertencem ao gênero masculino (os advérbios não possuem marcação de gênero). Já as palavras femininas na forma diminutiva não apresentam o fenômeno, como indicam os exemplos abaixo:

(1) aí logo em seguida ela/eu falo com ela “vai trocar de roupa porque cê tá de *pijaminha* e tal...”

(2) *bolinha* de gude? é uma *bolinha piquinininha* de vidro que a gen[te]/os mininos jogavam...

As ocorrências de palavras no diminutivo masculino sem a presença de apócope, (oito dados no total das três entrevistas), como *peixinho* e *pertinho*, são exemplificadas abaixo:

(3) tem o papagaio que é o Louro Louro José e a minha maritaca que chama Lilica e o meu cachorro Tobi e o meu *peixinho* Fred também são muitos se eu pudesse teria muito mais...

(4) aqui é *pertinho* bem perto... tem uma igreja aqui ... cê já viu?

O exemplo (5) mostra uma ocorrência sobre a variação *-inho* e *-im* no par *pertinho* – *pertim*. Primeiro, a informante usou a palavra na sua forma diminutiva (*pertinho*: final *-inho*) e depois usou a mesma palavra na mesma frase, porém apocopada (*pertim*: final *-im*).

(5) depois pro lugar chamado Soledadi... que tá tudo assim tudo lá *pertinho* mesmo... uma cidade é uma cidade *pertim* uma da outra....

Considerando os substantivos masculinos e advérbios, verifica-se que a quantidade de dados dos diminutivos plenos e apocopados foi a mesma (oito dados cada), porém as ocorrências do diminutivo na forma *-inho* foram superiores às ocorrências na forma *-im*:

**Tabela 3: Ocorrências de diminutivos plenos e apocopados**

Diminutivos	Dados / ocorrências	Dados
Plenos	8 / 26	bichinhos (7 vezes) desenhinho direitinho fininho (3 vezes) peixinho pertinho (11 vezes) piquininho pouquinho
Apocopados	8 / 10	barquim (2 vezes) cursim meninim ovim pequeninim (2 vezes) pertim poquim quartim

Não foi possível estabelecer uma regra entre o uso das duas formas do diminutivo, porém percebe-se a presença do fenômeno em momentos mais espontâneos da entrevista, quando as informantes contavam alguma história, algum acontecimento ou descreviam algo de seu conhecimento.

### Classificações das ocorrências de apócope na forma diminutiva

Após a análise dos dados, foi possível classificar as ocorrências de apócope na forma diminutiva conforme as cargas emocionais apresentadas pelo sufixo *-inho*, que, segundo Gonçalves, pode expressar dimensão, apreço, desapeço e afeto.<sup>14</sup>

**Quadro 2: Classificação das ocorrências apocopadas**

1	barquim (1)	dimensão
2	barquim (2)	dimensão
3	cursim	dimensão
4	meninim	dimensão
5	ovim	dimensão
6	pequeninim (1)	dimensão
7	pequeninim (2)	dimensão
8	pertim	dimensão - distância
9	poquim	dimensão - tempo
10	quartim	dimensão

Analisando o Quadro 2, percebe-se que a ideia de dimensão é a mais frequente nas ocorrências do diminutivo, não tendo nenhuma ocorrência para apreço, desapeço e afeto. Para expressar que algo era pequeno, as palavras *barquim*, *cursim*, *meninim*, *ovim*, *pequeninim* e *quartim* foram usadas, expostas nos exemplos abaixo:

(6) intão eu fui com uma amiga e o cara me chamou pra andar naquelas *barquim*... e eu... e eu num queria ir porque eu num conhecia o cara e tudo assim...

<sup>14</sup> GONÇALVES. A flexão e derivação: o grau, p. 160.

(7) coincidentemente eu comecei a... conversá com o irmão dela dentro do mesmo ônibus a gente pegava sempre no mesmo horário pra ir pro *cursim* pra fazer pré-vestibular e aí a gente conheceu...

(8) eu fiquei assistino pra mim ver aquele noticiário daquele *meninim* que tinha tomado ácido...

(9) não... pequenininha... aquelas petinha... aqueles *ovim* assim... e um pastel comum...

(10) eu gosto pequeninim eu gosto pequeninim mas tem gente que põe maior mas eu não ligo...

(11) eu iria lá pra cidade da minha mãe não pra morar dentro da casa dela... alugaria um *quartim*... arrumaria um emprego...

Ainda dentro de dimensão, é possível pensar em duas subcategorias: distância (expressa pela palavra *pertim*) e tempo (expressa pela palavra *poquim*), exemplificadas a seguir:

(12) depois mudei pra Caxambu... depois pro lugar chamado Soledadi... que tá tudo assim tudo lá pertinho mesmo... uma cidade é uma cidade *pertim* uma da outra....

(13) aí com isso ela descansa um *poquim* às vezes deita lá no sofá ou então fica lá mesmo lá na na cozinha mesmo...

### Considerações finais

A pesquisa apresentada constitui uma breve análise da ocorrência do fenômeno apócope na forma diminutiva em dados de língua oral do português falado em Belo Horizonte. Por se tratar de uma pesquisa de pequena escala, baseada numa amostragem de apenas três entrevistas, os resultados mensurados não são conclusivos de um universo maior, como o estado de Minas Gerais.

A partir da observação da ocorrência dos dados, é possível verificar o uso do diminutivo e suas variações entre as formas *-inho* e *-im*, sendo a última o principal objeto do estudo. Tal ocorrência se apresentou nos momentos mais espontâneos das entrevistas. É importante destacar que, como mostraram os dados coletados, o diminutivo não é empregado somente para indicar dimensão



referente ao tamanho, embora prevaleça essa ideia, mas também para expressar dimensão referente à distância e tempo.

Espera-se que essa pesquisa colabore com os estudos que envolvam a apócope como algo bem característico do falar mineiro, pois não foram encontrados trabalhos analisando esse fenômeno. Porém, fica evidente que uma pesquisa com uma amostragem maior certamente definiria melhor a descrição dos usos e das classificações desse fenômeno na língua oral.

## Referências

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DIMINUTIVO. In: DICIONÁRIO Aurélio online. Disponível em: <<http://www.dicionarioaurelio.com/Diminutivo.html>>. Acesso em: 8 abr. 2012.

GIUDICE, Patrícia. Modo de falar em BH vira alvo de estudo. *O Tempo*, Belo Horizonte, 9 ago. 2007. Disponível em <<http://www.otempo.com.br/otempo/noticias/?IdEdicao=1071&IdCanal=3&IdSubCanal=&IdNoticia=53768&IdTipoNoticia=1>>. Acesso em: 29 dez. 2011.

GONÇALVES, C. A. Flexão e derivação: o grau. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à Estilística: a expressividade na Língua Portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Editora USP, 2008. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=\\_xRyirTxCWMC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=true](http://books.google.com.br/books?id=_xRyirTxCWMC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=true)>. Acesso em: 2 abr. 2012.

MOURA, Lillian Mara de. *Uma bibliografia comentada sobre a Língua Portuguesa em Minas Gerais*. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2002. 45 f. Disponível em: <[http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/nupevar/dados/arquivos/lillian\\_moura.doc](http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/nupevar/dados/arquivos/lillian_moura.doc)>. Acesso em: 8 abr. 2012.

RAMOS, Jânia Martins. A importância do projeto Mineirês para a descrição e análise da diversidade linguística de Minas Gerais. In: ENCONTRO SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DE MINAS GERAIS, 2010, Ouro Preto. *Anais...cultura e memória*. Belo Horizonte. FALÉ/UFMG, 2011.

SILVA, Selma Aparecida dos Santos; RODRIGUES, Marlon Leal. Metaplasmos: A diferença entre a fala e a escrita. *SOCIODIALETO*, Campo Grande, v. 1, n. 6, p. 1-21, 2012. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/11/07022012125352.pdf>>. Acesso em: 6 abr. 2012.

TEIXEIRA, José de Aparecida. O falar mineiro. *Revista do Arquivo Público Municipal*, v. XLV, São Paulo, 1938.

**Publicações Viva Voz  
de interesse para a área de estudos linguísticos**

**As doçuras do sânscrito**

Carlos Gohn (Org.)

**Cisão de caso, telicidade e posse em línguas indígenas brasileira**

Fábio Bonfim (Org.)

**Literatura e arquivos literários**

Reinaldo Marques (Org.)

**Estudos de semântica**

Eduardo Tadeu Roque Amaral (Org.)

**Estudos do léxico**

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em versão eletrônica no *site*: [www.lettras.ufmg.br/vivavoz](http://www.lettras.ufmg.br/vivavoz)



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.